

Frade Bernardino: Coletânea de memórias sobre a Serva de Deus Luísa Piccarreta

## PARTE 1

BERNARDINO GIUSEPPE BUCCI

Frade Menor Capuchinho

LUÍSA PICCARRETA

Coletânea de memórias sobre a Serva de Deus

Propriedade do autor

Na capa:

1. Obra de Ângela Ciccone, Retrato de Luísa Piccarreta.
2. Corato, Largo Plebiscito, 1938 (coleção privada, Prof. Giuseppe Gallo).

As fotografias reproduzidas no interior do livro fazem parte do Arquivo «Luísa Piccarreta» do Pe. Bernardino Bucci, Capuchinho.

Impressão: Tipolitografia Miulli

Via Roma, 52 – San Ferdinando di Puglia – Tel. 0883.622036

© 2000 Propriedade do autor.

71049 Trinitapoli (FG)

Paróquia da Imaculada dos Frades Menores Capuchinhos

EDIÇÃO NÃO COMERCIÁVEL

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

PREFÁCIO

CAPÍTULO 1

Notas biográficas

Datas significativas

Confessores e conselheiros espirituais

Os bispos

Elenco dos escritos de Luísa Piccarreta

CAPÍTULO 2

O Reino da Vontade Divina

Algumas orações inéditas

CAPÍTULO 3

A epiléptica curada

O sino da discórdia

Uma bordadeira perfeita

As chagas misteriosas

O Beato Padre Pio, Luísa Piccarreta e Rosária Bucci

O segredo da tia Rosária

#### CAPÍTULO 4

Aníbal Maria de Francia e Luísa Piccarreta

Recordações de Rosária Bucci

O Beato Aníbal de Francia e os Frades Capuchinhos

da Província Monástica da Apúlia

Preferência de Luísa pelos Capuchinhos

Padre Salvatore de Corato e Luísa Piccarreta

#### CAPÍTULO 5

Um almoço estranho

A renúncia malograda

Profecia

O mar borrascoso

#### CAPÍTULO 6

Profecia da púrpura

O bispo curado

#### CAPÍTULO 7

Luísa e as crianças de Corato

O soldado fracassado

A criança ressuscitada

Isa Bucci e Luísa Piccarreta

Gemma Bucci e Luísa Piccarreta

#### CAPÍTULO 8

Uma cura

O capricho dos cavalos

O cenáculo da rua Panseri

O cavalo curado

O soldado noivo

## CAPÍTULO 9

Luísa, terror dos poderes diabólicos

A morte santa de Luísa Piccarreta

O jovem morto e ressuscitado

## NOTAS BIOGRÁFICAS DO AUTOR

### APRESENTAÇÃO

A atenção amorosa a conservar a memória de pessoas da nossa terra que, com o humilde trabalho quotidiano e com a aceitação dos sofrimentos da vida, se distinguiram no amor a Deus e ao próximo, impeliu o Pe. Bernardino Bucci, nosso frade capuchinho, a escrever as «recordações de família», concernentes à figura de Luísa Piccarreta, chamada familiarmente «Luísa a santa».

O interesse por Luísa é digno de nota, quer pela atenção que hoje se presta ao aprofundamento da mística (e Luísa é assim porque, com a sua contemplação e a aceitação dos seus sofrimentos físicos e espirituais, alcançou uma notável intimidade com Jesus), quer porque Luísa foi conhecida e frequentada por alguns dos nossos frades (Pe. Fedele de Montescaglioso, Pe. Guglielmo de Barletta, Pe. Salvatore de Corato, Pe. Terenzio de Campi Salentini, Pe. Daniele de Triggiano, Pe. Antônio de Stigliano, Pe. Giuseppe de Francavilla Fontana, para citar apenas alguns) que lhe puderam oferecer elementos essenciais da espiritualidade franciscana, assimilando dela o amor a Cristo e o compromisso no cumprimento da Vontade Divina.

Possa este livro, que vê o Pe. Bernardino empenhado com muito amor e entusiasmo, ser útil a quantos o lerem para sentirem-se impelidos a aprofundar a espiritualidade de Luísa e fazerem-se promotores da sua beatificação.

Pe. Mariano Bubbico

Ministro Provincial

dos Frades Menores Capuchinhos da Apúlia

### PREFÁCIO

Por uma vigorosa exortação do venerado – hoje emérito – arcebispo de Trani, D. Giuseppe Carata, fui impellido a escrever os testemunhos sobre Luísa Piccarreta, reunidos oralmente dos meus familiares e de outras pessoas que conheceram pessoalmente esta Serva de Deus. Em alguns episódios acho-me diretamente envolvido.

Na minha infância, tive contatos contínuos e diretos com a Serva de Deus, facilitados pela minha tia, Rosária Bucci que, por cerca de quarenta anos, assistiu dia e noite a Serva de Deus. As duas trabalhavam juntas, com bordados de almofadas, tirando disto o seu próprio sustento. Os meus parentes eram unidos à família Piccarreta por numerosos vínculos. As minhas irmãs Isa e Gemma frequentavam assiduamente a casa de Luísa, também para aprender a bordar

almofadas. Gemma, a menor, era a mais amada por Luísa, que no seu nascimento sugerira que lhe dessem esse nome. A irmã de Luísa, Angelina, foi madrinha de batismo e de crisma das minhas irmãs. Tínhamos tanta intimidade com ela que na família todos lhe chamavam «Tia Angelina».

Falava-se com Luísa com muita familiaridade. Recordo que minha mãe ia periodicamente à casa de Luísa e se entretinha com ela por longo tempo. Nada se sabe dos seus colóquios. Creio que Luísa lhe profetizara a sua morte precoce. Presumo-o do fato de que minha mãe falava com frequência da morte e nos fazia compreender que não viveria por muito tempo. Morreu com 51 anos de idade, três anos depois do falecimento de Luísa. No momento da morte, vestia uma camisa da Serva de Deus.

Da Serva de Deus recebi pessoalmente santinhos e pequenas imagens. Não obstante a nossa familiaridade, diante de Luísa eu permanecia em silêncio, encantado pelo fascínio que emanava.

Recolhi e anotei muito material, mas não me é possível organizá-lo inteiramente para publicá-lo; isto exigiria muito trabalho e tempo suficiente, que me é negado. Tive que fazer opções e publicar aquilo que julguei mais interessante. Com isto não quero afirmar que os outros episódios registrados não são dignos de ser conhecidos. Estou plenamente persuadido de que qualquer episódio que se refere a Piccarreta é útil para enquadrar a sua figura no seu tempo.

Prometo que continuarei o trabalho de organização e de pesquisa das memórias, e publicarei uma biografia mais exaustiva da Serva de Deus, obra iniciada há algum tempo e que espero concluir quanto antes.

Padre Bernardino Giuseppe Bucci

## CAPÍTULO 1

### Notas biográficas

A Serva de Deus Luísa Piccarreta nasceu em Corato, na província de Bari (Itália), no dia 23 de abril de 1865, e ali faleceu em fama de santidade a 4 de março de 1947.

Luísa teve a sorte de nascer em uma daquelas famílias patriarcais, que ainda resistem nos nossos ambientes da Apúlia e gostam de viver no campo aberto, povoando as nossas aldeias. Os seus pais, Vito Nicola e Rosa Tarantino, tiveram cinco filhos: Maria, Rachele, Filomena, Luísa e Ângela. Maria, Rachele e Filomena casaram-se. Ângela, comumente chamada Angelina, ficou solteira e viveu ao lado da irmã Luísa até à sua morte.

Luísa nasceu no domingo in Albis e foi batizada nesse mesmo dia. Seu pai – poucas horas depois do nascimento – envolveu-a com uma coberta e levou-a à paróquia onde lhe foi administrado o Santo Batismo.

Nicola Piccarreta era empregado em uma feitoria de propriedade da família Mastrorilli, situada no centro das Murgas, na localidade de Torre Desesperada, a 27 quilômetros de Corato. Quem conhece estes lugares pode apreciar a solenidade do silêncio que impera ali, submerso entre as colinas ensolaradas, despojadas e pedregosas. Nessa feitoria Luísa transcorreu longos anos da sua infância e adolescência. Diante do povoado ainda existe a amoreira frondosa e secular, com uma grande cavidade no tronco em que Luísa, quando era criança, se escondia para rezar, longe dos olhos indiscretos. Foi nesse lugar solitário e ensolarado que para Luísa teve início aquela aventura divina que a conduzirá ao longos das sendas do sofrimento e da santidade.

Com efeito, foi precisamente nesse lugar que teve de sofrer penas indizíveis devido aos assaltos do maligno, que às vezes a atormentavam também fisicamente. Para libertar-se de tal sofrimento, Luísa recorria de maneira incessante à oração, dirigindo-se de modo especial à Santíssima Virgem, que a consolava com a sua presença.

A Divina Providência conduzia esta criança ao longo de veredas tão misteriosas, a ponto de ela não conhecer qualquer alegria senão Deus e a sua Graça. Efetivamente, um dia o Senhor disse-lhe: «Dei voltas e mais voltas à terra, olhei uma por uma as criaturas, para encontrar a menor de todas. A tua pequenez agradou-me e escolhi-te; confiei-te aos meus anjos a fim de que te acudam, não para fazer-te grande, mas para que conservem a tua pequenez, e agora quero começar a grande obra do complemento da minha vontade. Nem com isso te sentirás maior mas, pelo contrário, a minha vontade far-te-á menor e continuarás a ser a pequena filha da Vontade Divina» (cf. Volume XII, 23 de março de 1921).

Com nove anos de idade, Luísa recebeu pela primeira vez Jesus Eucarístico e a Santa Crisma, e a partir desse momento aprendeu a permanecer em oração por horas inteiras diante do Santíssimo Sacramento. Com 11 anos, quis inscrever-se na associação das Filhas de Maria – florescente nesse período – na igreja de São José. Com a idade de 18 anos, Luísa fez-se terciária dominicana com o nome de Irmã Madalena. Ela foi uma das primeiras a inscrever-se na Terceira Ordem, cujo promotor era o seu pároco. A devoção de Luísa à Mãe de Deus desenvolverá nela uma profunda espiritualidade mariana, prelúdio daquilo que um dia escreveria sobre Nossa Senhora.

A voz de Jesus conduzia Luísa ao desapego de si mesma, de tudo e de todos. Com cerca de 18 anos de idade, do varanda da sua casa na rua Nazario Sauro, teve a visão de Jesus sofrendo sob o peso da cruz que, erguendo o olhar em sua direção, pronunciou estas palavras: «Alma, ajuda-me!». Foi a partir desse momento que se acendeu em Luísa um insaciável anseio de sofrer por Jesus e pela salvação das almas. Assim, iniciaram aqueles sofrimentos físicos que, acrescentados aos espirituais e morais, alcançaram o heroísmo.

A família interpretou estes fenômenos como uma enfermidade e recorreu ao auxílio da ciência médica. Todavia, todos os médicos que foram interpelados ficaram admirados diante de um caso clínico tão único e singular. Luísa era sujeita a uma rigidez cadavérica - não obstante desse sinal de vida – e não existiam curas que pudessem aliviá-la dessas penas indizíveis. Quando terminaram todos os recursos da ciência, recorreu-se à última esperança: os sacerdotes. Foi chamado à sua cabeceira um sacerdote agostiniano, Padre Cosma Loiodice, que se encontrava em família pelas famosas «leis sicardianas» (de Giuseppe Siccardi [1802-1857]: jurista e político italiano que, em 1850, apresentou uma série de leis em vista de limitar alguns privilégios eclesiásticos, dando origem a violentas reações por parte do episcopado subalpino de então); com a admiração de todos os presentes, bastou um sinal da cruz, que o Padre fez sobre o seu pobre corpo, para que a enferma adquirisse imediatamente as suas faculdades normais. Depois que o Padre Loiodice partiu para o convento, foram chamados alguns sacerdotes seculares que, com um sinal da cruz, faziam com que Luísa voltasse para a normalidade. Ela estava convencida de que todos os sacerdotes eram santos, mas um dia o Senhor disse-lhe: «Não porque são todos santos, oxalá o fossem, mas somente porque são a continuação do meu sacerdócio no mundo, tu deves submeter-te sempre à sua autoridade sacerdotal; nunca vás contra eles, quer eles sejam bons os maus» (cf. Volume I). Luísa submeter-se-á sempre à autoridade sacerdotal, durante toda a sua vida. Este será um dos pontos que mais a farão sofrer. Para Luísa, a maior mortificação era a necessidade quotidiana da autoridade sacerdotal para regressar às ocupações habituais. Nos primeiros tempos, ela

padeceu as incompreensões e os sofrimentos mais humilhantes precisamente da parte dos sacerdotes que a consideravam uma jovem exaltada, louca, uma pessoa que queria chamar sobre si mesma a atenção dos outros. Certa vez, deixaram-na naquele estado por mais de 20 dias. Aceitando o papel de vítima, Luísa começou a viver um estado muito particular: cada manhã ficava rígida, imóvel, contraída na sua cama, e ninguém era capaz de a estender, erguer os seus braços, movimentar a sua cabeça ou as suas pernas. Como sabemos, era necessária a presença do sacerdote que, abençoando-a com um sinal da cruz, anulava aquela rigidez cadavérica, fazendo-a voltar às suas ocupações normais (bordado de almofadas). Um caso único: os seus confessores jamais foram os seus diretores espirituais, tarefa esta que nosso Senhor queria reservar a si mesmo. Jesus fez-lhe ouvir a sua voz diretamente a sua voz, ensinando-a, corrigindo-a, se fosse necessário repreendendo-a, e de modo gradual levou-a aos elevadíssimos píncaros da perfeição. Por longos anos, Luísa foi sabiamente educada e preparada para receber o dom da Vontade Divina.

Quando o arcebispo dessa época, D. Giuseppe Bianchi D. Giuseppe Dottula (22 de dezembro de 1848 – 22 de setembro de 1892), tomou conhecimento daquilo que estava acontecendo em Corato, ouviu o parecer de alguns sacerdotes e em seguida quis assumir este caso sob a sua autoridade e responsabilidade e, depois de uma reflexão amadurecida, julgou oportuno delegar um confessor particular na pessoa do Pe. Michele De Benedictis, esplêndida figura de presbítero, a quem Luísa abriu pormenorizadamente a sua alma. O Pe. Michele, sacerdote prudente de vida santa, impôs limites aos seus sofrimentos e ela nada devia fazer sem o seu consentimento. Foi precisamente o Pe. Michele que lhe mandou comer pelo menos uma vez por dia, embora imediatamente depois vomitasse tudo. Luísa devia viver somente da Vontade Divina. Foi sob a guia deste sacerdote que obteve a autorização de permanecer continuamente na cama, como vítima de expiação. Corria o ano de 1888. Luísa permaneceu imobilizada no seu leito de sofrimento, sempre sentada por mais 59 anos, até à morte. Observe-se que até então ela, embora aceitasse a condição de vítima, tinha ficado na cama sempre ocasionalmente, porque a obediência jamais lhe consentira permanecer na cama de maneira contínua. Contudo, a partir do primeiro dia de 1889, ficará na cama de modo permanente.

Em 1898, o novo arcebispo D. Tommaso De Stefano (24 de março de 1898 – 13 de maio de 1906) delegou como novo confessor o Pe. Gennaro di Gennaro, que cumpriu tal tarefa por 24 anos. Intuindo as maravilhas que o Senhor realizava nessa alma, o novo confessor mandou categoricamente que Luísa escrevesse tudo aquilo que a Graça de Deus atuava nela. De nada valeram todos os motivos apresentados pela Serva de Deus para subtrair-se à obediência do seu confessor: nem sequer a sua escassíssima preparação literária a pôde eximir da obediência. O Pe. Gennaro di Gennaro foi insensível e irremovível, embora soubesse que a pobrezinha só tinha frequentado a primeira série do primeiro grau. Assim, no dia 28 de fevereiro de 1899, teve início a redação do seu diário, que se concluiu com 36 volumes espessos! O último capítulo foi completado em 28 de dezembro de 1939, dia em que ela recebeu a ordem de não escrever mais.

Quando o seu confessor faleceu, no dia 10 de setembro de 1922, sucedeu-lhe o cônego Pe. Francesco De Benedictis, que a assistiu somente por quatro anos, pois morreu a 30 de janeiro de 1926. O arcebispo, D. Giuseppe Leo (17 de janeiro de 1920 – 20 de janeiro de 1939) delegou como confessor ordinário um jovem sacerdote, Pe. Benedetto Calvi, que permaneceu ao lado de Luísa até à morte dela, compartilhando todos aqueles sofrimentos e incompreensões que se abateram sobre a Serva de Deus nos últimos anos da sua vida.

No início do século, o nosso povo teve a ventura de ver percorrer a Apúlia o Beato Aníbal Maria de Francia, que em Trani desejava abrir uma casa, masculina e feminina, da sua congregação nascente. Tendo tomado conhecimento de Luísa Piccarreta, foi visitá-la e a partir desse momento estas duas almas foram unidas indivisivelmente por propósitos comuns. Também outros sacerdotes ilustres frequentaram Luísa, como por exemplo o jesuíta Gennaro Braccali, Eustachio Montemurro, falecido com fama de santidade, e Ferdinando Cento, Núncio Apostólico e Cardeal da Santa Mãe Igreja. O Beato Aníbal tornou-se o seu confessor extraordinário e revisor dos seus escritos, que pouco a pouco eram regularmente examinados e aprovados pela autoridade eclesiástica. Por volta de 1926, o Beato Aníbal mandou que Luísa escrevesse um caderno de memórias sobre a sua infância e adolescência. O Beato Aníbal publicou vários escritos de Luísa, dentre os quais ficou muito famoso o livro *L'orologio della Passione* («O relógio da Paixão»), que teve quatro edições. A 7 de outubro de 1928, depois que se construiu a casa das irmãs da congregação do Zelo Divino em Corato, para satisfazer o desejo do próprio Beato Aníbal, Luísa foi transportada para o convento. O Beato Aníbal já tinha falecido com fama de santidade em Messina.

Em 1938 abateu-se uma terrível tempestade sobre Luísa Piccarreta: de Roma ela foi publicamente reprovada e os seus livros foram proibidos. Assim que foi publicada a condenação do Santo Ofício, ela submeteu-se imediatamente à autoridade da Igreja (1).

De Roma, enviado pelas autoridades eclesiásticas, apresentou-se um sacerdote que lhe pediu todos os seus manuscritos, os quais foram pacífica e prontamente entregues por Luísa. Assim todos os seus escritos foram fechados no arquivo secreto do Santo Ofício.

Por disposições superiores, no dia 7 de outubro de 1938 Luísa teve que abandonar o convento e encontrar uma nova habitação. Assim, transcorreu os seus últimos nove anos de vida em uma casa na rua Madalena, lugar que os idosos de Corato conhecem bem e de onde, em 8 de março de 1947, viram sair o seu ataúde.

A vida de Luísa fora muito modesta; ela possuía pouco ou nada. Vivia em uma casa alugada, assistida amorosamente pela sua irmã Angelina e por algumas mulheres piedosas. Aquele pouco que ela possuía não lhe bastava sequer para pagar o aluguel da casa. Para sustentar-se, dedicava-se assiduamente aos bordados de almofadas, tirando daí aquilo que lhe bastava para manter a própria irmã, uma vez que ela não tinha necessidade de roupas nem de calçados. O seu alimento consistia de poucos gramas de vianda, que lhe eram oferecidos pela sua assistente Rosária Bucci. Luísa nada pedia, nada desejava e vomitava imediatamente o alimento que ingeria. O seu aspecto não era o de um moribundo, mas nem sequer o de uma pessoa perfeitamente sadia. Contudo, nunca estava inerte: as suas forças eram consumadas no sofrimento quotidiano ou no trabalho e, para quem a conhecia profundamente, a sua vida era considerada um milagre contínuo.

Era admirável o seu desapego de qualquer lucro que não proviesse do seu trabalho diário! Com firmeza, ela rejeitava o dinheiro e os vários presentes que lhe eram enviados com qualquer pretexto. Além disso, nunca aceitou dinheiro pela publicação dos seus livros. Ao Beato Aníbal, que certo dia lhe queria entregar o dinheiro derivado dos direitos de autor, ela respondeu assim: «Não tenho qualquer direito, porque o que ali está escrito não é meu» (cf. «Prefácio» ao livro *L'orologio della Passione*, Messina 1926). Rejeitava indignada e restituía o dinheiro que às vezes as pessoas piedosas lhe enviavam.

A habitação de Luísa parecia um mosteiro, pois nenhum curioso tinha acesso à mesma. Ela estava sempre circundada por poucas mulheres, que viviam da sua própria espiritualidade, e

por algumas jovens que frequentavam a sua casa para aprender a bordar almofadas. Era precisamente desse cenáculo que saíam numerosas vocações religiosas. Porém, a sua obra não se limitava às jovens, uma vez que muitos jovens também foram convidados por ela a entrar nos vários institutos religiosos e no sacerdócio.

O seu dia iniciava por volta das cinco horas da manhã, quando à sua casa chegava o sacerdote para abençoá-la e celebrar a Santa Missa, oficiada pelo seu confessor ou por algum seu delegado: privilégio que ela obteve de Leão XIII, confirmado por São Pio X em 1907. Depois da Santa Missa, Luísa permanecia em oração de ação de graças por cerca de duas horas. Por volta das oito horas iniciava o seu trabalho, que durava até ao meio-dia; após o almoço frugal, permanecia sozinha no seu quarto, em recolhimento. À tarde – depois de algumas horas de trabalho – recitava o Santo Rosário. À noite, por volta das vinte horas, Luísa começava a escrever o seu diário e adormecia por volta da meia-noite. De manhã, encontrava-se imobilizada, rígida, contraída na cama, com a cabeça dobrada à direita, e era necessária a intervenção da autoridade sacerdotal a fim de acordá-la para as suas ocupações diárias e colocá-la sentada na cama.

Luísa faleceu com a idade de 81 anos, 10 meses e nove dias, a 4 de março de 1947, depois de 15 dias uma forte pneumonia, a única enfermidade da sua vida. Ela morreu no fim da noite, na mesma hora em que todos os dias a bênção do sacerdote a libertava do seu estado de rigidez. Nessa época o arcebispo era D. Francesco Petronelli (25 de maio de 1939 – 16 de junho de 1947). Luísa permaneceu sentada na cama. Não foi possível estendê-la e – o que constitui um fenómeno extraordinário – o seu corpo não passou pela rigidez cadavérica e permaneceu na posição em que sempre estivera.

Assim que se difundiu a notícia a morte de Luísa, como um regato em cheia, toda a população acorreu à sua casa e foi necessária a intervenção da polícia para conter a multidão que, dia e noite, ia ver Luísa, mulher muito querida ao coração da população. Uma voz ressoava: «Morreu Luísa a Santa!». Para conter toda a multidão que ia vê-la, com o consentimento da autoridade civil e do oficial sanitário, o seu corpo permaneceu exposto por quatro dias, sem dar qualquer sinal de corrupção. Sentada na sua cama, vestida de branco, Luísa não parecia morta; parecia que dormia, uma vez que, como já se disse, o seu corpo não passou pela rigidez cadavérica. Com efeito, sem qualquer esforço era possível movimentar a sua cabeça em todas as direções, erguer os seus braços, dobrar as mãos e todos os dedos; podia-se também levantar as suas pálpebras e observar os seus olhos brilhantes não velados. Todos a consideravam ainda viva, imersa em um sono profundo. Uma equipe de médicos convocados de forma especial declarou, depois de atentos exames do cadáver, que Luísa estava realmente morta e que portanto se devia pensar em uma morte verdadeira e não a uma morte aparente, como todos imaginavam.

Luísa tinha afirmado que nasceu «ao contrário»; por isso, era justo que a sua morte fosse «ao contrário» em relação às outras criaturas. Ela permaneceu sentada, como tinha sempre vivido, e sentada teve que ir para o cemitério, em um ataúde especialmente construído, com as partes laterais e a frente feitas de vidro, de maneira que todos a pudessem ver, como uma rainha no seu trono, vestida de branco, com o Fiat no seu peito. Mais de 40 sacerdotes, o Cabido e o Clero local participaram no cortejo fúnebre; revezando-se as irmãs carregavam-nos ombros, e uma imensa multidão de cidadãos a circundava: as ruas estavam apinhadas de maneira inverossímil; também as varandas e os tetos das casas estavam repletos de gente, e o cortejo prosseguia com grande dificuldade. As exéquias da pequena filha da Vontade Divina foram celebradas na Igreja Matriz por todo o Cabido. Cada um procurou levar para casa uma



recordação, flores, depois de ter tocado o ataúde que, poucos anos mais tarde, foi trasladado para a paróquia de Santa Maria Greca.

Em 1994, no dia da solenidade de Cristo Rei na Igreja Matriz, Sua Excelência D. Carmelo Cassati, na presença de um público numerosíssimo e de representantes estrangeiros, abriu oficialmente o processo de beatificação da Serva de Deus Luísa Piccarreta.

#### Datas significativas

1865 Luísa Piccarreta nasceu no dia 23 de abril, domingo in Albis, em Corato, Bari (Itália), e os seus pais Vito Nicola e Tarantino Filomena, tiveram cinco filhos: Maria, Rachele, Filomena, Luísa e Angela.

Depois de poucas horas do nascimento de Luísa, o seu pai envolveu-a em uma coberta e levou-a à Igreja Matriz para ser batizada. A sua mãe não sofreu as dores do parto; o seu nascimento foi indolor.

1872 Recebeu Jesus eucarístico no domingo in Albis e, no mesmo dia, foi-lhe administrado o sacramento da Crisma, pela mãos de D. Giuseppe Bianchi Dottula, então arcebispo de Trani.

1883 Com a idade de 18 anos, da varanda da sua casa vê Jesus curvado sob o peso da cruz, que lhe diz: «Alma, ajuda-me!». A partir desse momento, alma solitária, viveu em contínua união com os sofrimentos inefáveis do seu Esposo divino.

1888 Torna-se Filha de Maria e Terciária dominicana com o nome de Irmã Madalena.

1885-1947 Alma eleita, seráfica esposa de Cristo, humilde e piedosa, dotada por Deus de dons extraordinários, vítima inocente, pára-raios da Justiça divina, nos 62 anos ininterruptos de cama, foi Arauta do Reino da Vontade Divina.

4.III.1947 Repleta de méritos, na luz eterna da Vontade Divina terminou – como viveu – os seus dias para triunfar com os anjos e os santos nos esplendores eternos da Vontade Divina.

7.III.1947 Por quatro dias, os seus restos mortais foram expostos à veneração de uma imensa multidão de fiéis, que iam à sua casa para ver pela última vez Luísa a Santa, muito querida ao seu coração. O funeral foi um verdadeiro triunfo; Luísa passou como uma rainha, carregada sobre os ombros, no meio de alas de gente. Todo o clero, secular e religioso, acompanhou o ataúde de Luísa. A liturgia fúnebre realizou-se na Igreja Matriz, com a participação do inteiro Cabido. Na parte da tarde, Luísa foi enterrada na capela gentílica da família Calvi.

3.VII.1963 Os seus restos mortais foram sepultados definitivamente em Santa Maria Greca.

20.XI.1994 Festividade de Cristo Rei. Na Igreja Matriz de Corato, na presença de um numerosíssimo público local e forasteiro, D. Cassati abriu de forma oficial o processo de beatificação da Serva de Deus Luísa Piccarreta.

A primeira imagenzinha da Serva de Deus Luísa Piccarreta, publicada em 1948, com o imprimatur de D. Reginaldo Addazzi, O.P.

#### Confessores e conselheiros espirituais

1. Pe. Cosma Liodice frade e primeiro confessor.

2. Pe. Michele De Benedictis confessor de Luísa criança, nomeado em 1884 seu confessor oficial com o mandato de D. Giuseppe B. Dottula.
  3. Pe. Gennaro di Gennaro pároco de São José, confessor de 1898 a 1922; por obediência, mandou a Serva de Deus escrever tudo o que o Senhor lhe revelava no dia-a-dia.
  4. Pe. Aníbal Maria di Francia de 1919 a 1927, por ordem do bispo, foi seu confessor extraordinário; revisor eclesiástico dos escritos da Serva de Deus; publicou alguns dos seus escritos, entre os quais «L'orologio della Passione».
  5. D. Ferdinando Cento Núncio Apostólico e Cardeal da Santa Romana Igreja.
  6. Pe. Francesco De Benedictis confessor de 1922 a 1926, sucedendo ao Pe. Gennaro di Gennaro.
  7. Pe. Felice Torelli pároco de Santa Maria Greca
  8. Pe. Ciccio Bevilacqua coadjutor na Igreja Matriz, confessor ocasional.
  9. Pe. Luca Mazzilli coadjutor, confessor ocasional.
  10. Pe. Benedetto Calvi confessor estável de 1926 a 1947, por ordem de D. Giuseppe Leo.
- Pe. Peppino Ferrara, celebrante ocasional.
- Pe. Vitantonio Patruno, celebrante ocasional.
- Pe. Clemente Ferrara, arcepreste e celebrante ocasional.
- Pe. Cataldo Tota, reitor do Seminário de Bisceglie e pároco da igreja de São Francisco.
- Mons. Michele Samarelli, vigário-geral de Bari.
- Mons. Ernesto Balducci, vigário-geral de Salerno.
- Mons. Luigi D'Oria, padre espiritual do Seminário regional de Molfetta e vigário-geral de Trani.
- Muitos outros sacerdotes, religiosos e seculares, que não citamos, iam periodicamente e por vários motivos à casa da Serva de Deus.
- Pe. Benedetto Calvi, último confessor de Luísa Piccarreta.

Os bispos (2)

1. D. Bianchi Dottula Giuseppe (1848-1892).
2. D. Marinangeli Domenico (1893-1898).
3. D. de Stefano Tommaso (1898-1906) [Luísa começa a escrever os seus diários].
4. D. Vaccaro Giulio (1906), administrador.
5. D. Carraio Francesco P. (1906-1915).
6. D. Regime Giovanni (1915-1918).
7. D. Tosi Eugênio (1918-1920), administrador.
8. D. Leo Giuseppe M. (1920-1939).

9. D. Petronelli Francesco (1939-1947). Faleceu em 16 de junho de 1947, três meses depois da piedosa morte de Luísa Piccarreta.

10. D. Addazzi Reginaldo G.M. (1947-1971). Deu a Luísa o título de Serva de Deus e permitiu a divulgação da imagenzinha com a oração.

11. D. Carata Giuseppe (desde 1971), emérito. Com aprovação canônica, em 1986 deu início à Associação da Vontade Divina em Corato, depois de um percurso de uma década. Contemporaneamente, solicitado pelo Cardeal Palazzini, então Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, deu ordem de reunir os testemunhos sobre a Serva de Deus.

12. D. Cassati Carmelo, emérito. No dia da festividade de Cristo Rei de 1994, abriu o processo de beatificação de Luísa Piccarreta.

13. D. Picchierri Giovanni Battista, atual arcebispo de Trani. É conferida a ele a continuação da causa de beatificação da Serva de Deus Luísa Piccarreta.

Elenco dos escritos de Luísa Piccarreta

Datas dos diários escritos por Luísa Piccarreta, por obediência aos seus confessores.

Mesmo para os seus escritos, Luísa devia depender unicamente da autoridade da Igreja.

Com efeito, foi com extrema relutância que, submetendo-se à obediência, começou a escrever no dia 28 de fevereiro de 1899.

Volumes Datas

I-II de 28 de fevereiro a 30 de outubro de 1899.

III de 1º de novembro de 1899 a 4 de setembro de 1900.

IV de 5 de setembro de 1900 a 18 de março de 1903.

V de 19 de março a 30 de outubro de 1903.

VI de 1º de novembro de 1903 a 16 de janeiro de 1906.

VII de 30 de janeiro de 1906 a 30 de maio de 1907.

VIII de 23 de junho de 1907 a 30 de janeiro de 1909.

IX de 10 de março de 1909 a 3 de novembro de 1910.

X de 9 de novembro de 1910 a 10 de fevereiro de 1912.

XI de 4 de fevereiro de 1912 a 24 de fevereiro de 1917.

XII de 16 de março de 1917 a 26 de abril de 1921.

XIII de 1º de maio de 1921 a 4 de fevereiro de 1922.

XIV de 4 de fevereiro a 24 de novembro de 1922.

XV de 28 de novembro de 1922 a 14 de julho de 1923.

XVI de 23 de julho de 1923 a 6 de junho de 1924.

XVII de 10 de junho de 1924 a 4 de agosto de 1925.

XVIII de 9 de agosto de 1925 a 21 de fevereiro de 1926.

XIX de 23 de fevereiro a 15 de setembro de 1926.

XX de 17 de setembro de 1926 a 21 de fevereiro de 1927.

XXI de 23 de fevereiro a 26 de maio de 1927.

XXII de 1º de junho a 14 de setembro de 1927.

XXIII de 17 de setembro de 1927 a 11 de março de 1928.

XXIV de 19 de março a 3 de outubro de 1928.

XXV de 7 de outubro de 1928 a 4 de abril de 1929.

XXVI de 7 de abril a 20 de setembro de 1929.

XXVII de 23 de setembro de 1929 a 17 de fevereiro de 1930.

XXVIII de 22 de fevereiro de 1930 a 8 de fevereiro de 1931.

XXIX de 13 de fevereiro a 26 de outubro de 1931.

XXX de 4 de novembro de 1931 a 14 de julho de 1932.

XXXI de 24 de julho de 1932 a 5 de março de 1933.

XXXII de 12 de março a 10 de novembro de 1933.

XXXIII de 19 de novembro de 1933 a 24 de novembro de 1935.

XXXIV de 2 de dezembro de 1935 a 2 de agosto de 1937.

XXXV de 9 de agosto de 1937 a 10 de abril de 1938.

XXXVI de 12 de abril a 28 de dezembro de 1938.

A Serva de Deus, enquanto escreve os seus diários com os olhos fixos no crucifixo.

Notas do Capítulo 1

1) Eis o texto que a Serva de Deus enviou ao seu bispo nessa ocasião:

Fiat! In Voluntate Dei! Eu abaixo assinada, tendo tomado conhecimento do decreto com que, em data de 13 de julho de 1938, a Suprema Congregação do Santo Ofício condenava os livros por mim escritos e publicados: 1) O relógio da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, com um tratado sobre a Vontade Divina; 2) No reino da Vontade Divina; 3) A Rainha do Céu no reino da Vontade Divina; espontânea e prontamente cumpro o dever de alma cristã, de apresentar a minha incondicional, imediata, completa e absoluta submissão ao juízo da Santa Romana Igreja, pelo que sem qualquer restrição reprovando e condeno quanto a Suprema Congregação do Santo Ofício reprovando e condena nos meus supramencionados escritos publicados, no sentido em que a mesma Suprema Congregação compreende. Apresento esta minha declaração de igual modo ao meu amadíssimo Arcebispo D. Giuseppe M. Leo, implorando-lhe a caridade paterna de a fazer chegar por seu intermédio ao Santo Ofício.

Confirmo-me

Luísa Piccarreta de Corato

2) Publicamos o elenco dos bispos que se sucederam na Diocese de Trani durante a vida de Luísa Piccarreta e dos que se interessaram pela sua causa de beatificação.

## CAPÍTULO 2

### O Reino da Vontade Divina

«E agora uma palavra a todos vós que lereis estes escritos... Peço-vos, suplico-vos que recebais com amor aquilo que Jesus nos quer dar, ou seja, a sua Vontade.

Mas para dar-nos a sua quer a nossa, caso contrário aquela não poderá reinar. Se soubésseis... Com este amor o meu Jesus quer dar-vos o maior dom que existe no Céu e na terra, que é a sua Vontade!

Oh, quantas lágrimas amargas Ele derrama, porque vê que com a vossa vontade vos arrastais por toda a terra depauperada! Não conseguis manter um bom propósito, e sabeis por quê? Porque a sua Vontade não reina convosco.

Oh, como Jesus chora, suspira pela vossa sorte! E soluçando pede-vos que façais reinar em vós a sua Vontade. Ele quer fazer-vos mudar o destino: de enfermos a sãos, de pobres a ricos, de frágeis a fortes, de volúveis a imutáveis e de escravos a reis. Não deseja grandes penitências, nem longas orações, nem outras coisas; mas que em vós reine a sua Vontade, e que a vossa vontade não tenha mais vida.

Oh, escutai-O e estou pronta a dar a vida por cada um de vós, a padecer qualquer sofrimento, contanto que abrais as portas da vossa alma, e a Vontade do meu Jesus reine e triunfe nas gerações humanas!

Agora todos vós aceitai o meu convite; vinde comigo ao Éden, onde teve início a vossa origem, onde a Entidade suprema criou o homem, o fez rei e lhe deu um reino a dominar; este reino era o universo inteiro, mas o seu cetro, a sua coroa e o seu mandato provinham do fundo da sua alma, em que residia o Fiat divino, como Rei dominante, e constituía a verdadeira realeza no homem. As suas vestes eram reais, mais fúlgidas que o sol, os seus atos nobres e a sua beleza arrebatadora. Deus amava-o muito e divertia-se com ele, chamando-o meu pequeno rei e filho. Tudo era felicidade, ordem e harmonia.

Este homem, nosso primeiro pai, traiu a si mesmo e o seu reino e, fazendo a sua vontade, amargurou o seu Criador-rei, que muito o tinha exaltado e amado, e perdeu o seu reino, o reino da Vontade Divina, em que tudo lhe fora dado. As portas do reino foram-lhe fechadas e Deus retirou para Si o reino que dera ao homem. E entretanto, escutai um meu segredo.

Ao retirar para Si o reino da Vontade Divina, Deus não disse que não o voltaria a dar ao homem, mas conservou-o em reserva, esperando as gerações futuras, para capturá-las com graças surpreendentes, com luz ofuscante, a ponto de eclipsar a vontade humana que lhe fez perder um reino tão santo; e com atrativos de admiráveis e prodigiosos conhecimentos da Vontade Divina, fazer com que sintamos a necessidade, o desejo de colocarmos de parte a nossa vontade, que nos torna infelizes, e de abraçarmos a Vontade Divina. Portanto, o reino é nosso; por isso, coragem!

O Fiat supremo espera-nos, chama-nos e impele-nos a entrar em posse dele. Quem poderá negar-se, quem será tão pérfido a ponto de não escutar a sua chamada e não aceitar tanta felicidade?

Abandonemos os miseráveis trapos da nossa vontade, a veste de luto da nossa escravidão em que ela nos lançou, e vestir-nos-emos como rainhas e ornamentar-nos-emos com adornos divinos!

Por isso, dirijo um apelo a todos: escutai-me! Sabeis, sou uma Pequenina, a menor de todas as criaturas... bloquear-me-ei na Vontade Divina juntamente com Jesus, virei como pequena ao vosso seio e, com gemidos e prantos, baterei à porta dos vossos corações para pedir-vos, como uma pequena mendicante, os vossos trapos, as vestes de luto, a vossa vontade infeliz, para dá-los a Jesus; a fim de que arda tudo e, restituindo-vos a sua Vontade, vos volte a dar o seu reino, a sua felicidade, a candura da suas vestes reais. Se soubésseis o que significa a Vontade de Deus! Ela contém o Céu e a terra; se permanecemos com Ela, tudo é nosso, tudo toma de nós; se não ficamos com Ela, tudo é contra nós; e se possuímos algo, somos verdadeiros ladrões do nosso Criador e vivemos à base de fraude e de furto.

Por isso, se quiserdes conhecê-la, leiais estas páginas: nelas encontrareis o bálsamo para as feridas, que a vontade humana nos provocou com crueldade, o novo ar totalmente divino e a renovada vida toda celeste; sentireis o Céu na vossa alma, vereis novos horizontes e novos sóis, e não raro encontrareis Jesus com o rosto molhado de pranto, que quer dar-vos a sua Vontade. Ele chora porque vos quer ver felizes e, vendo-vos infelizes, soluça, suspira e intercede pela felicidade dos seus filhos; e, pedindo-vos a vossa vontade para arrancar-vos da infelicidade, dá-vos a sua, como confirmação da dádiva do seu Reino.

Portanto, dirijo um apelo a todos. E faço este apelo juntamente com Jesus, com as suas próprias lágrimas, com os seus suspiros ardentes e com o seu Coração que arde, que quer dar o seu Fiat. Saímos de dentro do seu Fiat e dele recebemos a vida; é justo e imperioso que para ele retornemos, na nossa querida e interminável herança.

E em primeiro lugar dirijo um apelo ao Sumo Pontífice, a Sua Santidade, ao Representante da Santa Igreja, e por conseguinte ao Representante do Reino da Vontade Divina. Aos seus pés santos, esta Pequenina deposita este reino, a fim de que o faça conhecer; e para que, com a sua voz paterna e autorizada, chame os seus filhos a viver neste reino tão santo. O Fiat supremo o invista e forme o primeiro Sol da Vontade Divina no seu Representante na terra; e, formando a sua vida primária n'Aquele que é o chefe de toda a Igreja, difunda os seus raios intermináveis no mundo inteiro e, eclipsando todos com a sua luz, forme um só rebanho e um só Pastor!

O segundo apelo, dirijo-o a todos os Sacerdotes. Prostrada aos pés de cada um, rezo e imploro para que se interessem em conhecer a Vontade Divina. E digo-lhes: hauri dela o primeiro movimento, o primeiro ato; aliás, fechai-vos no Fiat e sentireis quão dócil e querida é a sua vida; bebereis nela todas as vossas ações; sentireis em vós uma força divina, uma voz que fala sempre, que vos dirá coisas admiráveis jamais escutadas; sentireis uma luz que obscurecerá todos os males e, comovendo os povos, vos dará o domínio sobre eles.

Quantos esforços fazei sem frutos, porque falta a vida da Vontade Divina! Partistes para os povos um pão ázimo do Fiat, e por isso eles, comendo-o, o encontraram empedernido, quase indigesto; e, não sentido a vida neles, não se renderam aos vossos ensinamentos. Portanto, comi este pão do Fiat divino, e assim formareis com todos a sua vida e uma só vontade.

O terceiro apelo, dirijo-o a mundo inteiro, a todos os meus irmãos, irmãs e filhos. Sabeis por que chamo todos vós? Porque quero dar a todos a vida da Vontade Divina! Ela é mais que o ar, que todos nós podemos respirar; é como o sol, do qual todos nós podemos receber o bem da luz; é como a palpitação de um coração, que em todos quer pulsar; e eu, como pequena criança, desejo, suspiro por que todos vós tomeis a vida do Fiat! Oh, se soubésseis quanto bem receberíeis, daríeis a vida para fazê-la reinar em todos vós!

Esta Pequenininha deseja revelar outro segredo, que Jesus lhe confiou; e digo-vo-lo, a fim de que me deis a vossa vontade e, em contrapartida, recebais a de Deus, que vos fará felizes na alma e no corpo.

Desejais saber por que a terra é infecunda? Por que em vários pontos do mundo, com os terremotos, a terra se abre e enterra no seu seio cidades e pessoas? Por que o vento e a água formam tempestades e devastam tudo? Por que existem tantos males, que todos vós conheceis?

Porque as coisas criadas seguem uma Vontade Divina, que as domina, e por isso são poderosas e imperiosas; são mais nobres que nós, pois nós somos dominados por uma vontade humana e por isso somos degradados, frágeis e impotentes. Se, para a nossa sorte, pusermos de lado a vontade humana e tomarmos a vida da Vontade Divina, então também nós seremos fortes e imperiosos; seremos irmãos de todas as coisas criadas, que não só já não nos incomodarão, mas nos darão o domínio sobre elas e nós seremos felizes no tempo e na eternidade!

Sois felizes? Portanto, fazei isto: escutai esta pobre Pequenininha que vos quer muito bem. E então, sentir-me-ei feliz, quando puder dizer que todos os meus irmãos e irmãs são Reis e Rainhas, porque todos possuem a vida da Vontade Divina!

Portanto, coragem, respondi ao apelo!

Sim, suspiro por que todos me respondais em uníssono: e muito mais, porque não sou apenas eu que vos chamo, que vos suplico: juntamente comigo, chama-vos com voz terna e comovedora o meu dócil Jesus que muitas vezes, mesmo chorando, nos diz: "Tomai como vossa vida a minha Vontade; vinde ao seu Reino".

Sabei que o primeiro a pedir ao Pai celeste que venha o seu Reino e seja feita a sua Vontade assim na terra como no Céu foi nosso Senhor, quando recitou o Pater Noster e, transmitindo-nos a sua oração, nos dirigiu um apelo e pediu que todos nós rezássemos: "Fiat Voluntas Tua sicut in coelo et in terra".

Por isso, todas as vezes que recitais o Pater Noster, Jesus é tão imbuído por este desejo de dar-vos o seu Reino, o seu Fiat, a ponto de correr para dizer juntamente conosco: "Meu Pai, sou Eu que vo-lo peço para os meus filhos, apressai-vos". Assim, o primeiro a pedir é o próprio Jesus, e além disso também vós o pedis no Pater Noster. Portanto, não amais muito?

Uma palavra conclusiva.

Sabei que ao ver os anseios, os delírios e as lágrimas de Jesus, desejoso de dar-vos o seu Reino, o seu Fiat, esta pequena Criança sente tanta impaciência, delírio e anseio por ver todos vós no Reino da Vontade Divina, todos felizes por fazer sorrir Jesus que, se não obtiver bom êxito com súplicas e lágrimas, procurará obtê-lo com caprichos diante de Jesus e de vós.

Portanto, escutai esta Pequenininha, não a façais mais suspirar e dizei por favor: "Assim seja, assim seja... todos nós desejamos o reino da Vontade Divina. Fiat"» (1).

## Algumas orações inéditas (2)

### Encerro-me na vossa Vontade

Meu Jesus, encerro-me na vossa Vontade a fim de que respireis com o vosso respiro para respirardes com o respiro de todos e transformá-los em muitos beijos afetuosos.

Faço chegar a minha palpitação à vossa Vontade para dizer-vos em todas as palpitações: «Amo-vos, amo-vos» e, movimentando-me na vossa Vontade, dou-vos os abraços de todos a fim de que, abraçada por Vós, envolvida pelos vossos braços, ninguém mais vos ofenda e todos vos amem, adorem e bendigam, e todos façam a vossa Vontade.

### Tu és a minha guia

Meu dócil Jesus, encerrai-me na vossa Vontade a fim de que eu não veja, não sinta e não apalpe senão a vossa santa Vontade e, com a sua potência, Jesus, eu forme santos nos meus atos para cumular o Céu e a terra com a Vida divina.

Rainha-mãe, sê tu a minha guia e mestra, e não permitas que eu dê um só respiro sem a Vontade Divina.

### Tomai a minha vontade

Meu Jesus, dai-me a vossa Vontade e tomai a minha, a fim de que me faça santa com a vossa santidade, ame com o vosso amor, palpите com o vosso coração, caminhe com os vossos passos, realize convosco as vossas reparações e, com a minha palavra, forme um Jesus no coração de quem me escuta.

Rainha-mãe, esconde-me sob o teu manto, para defender-me de tudo e de todos.

Uma das inúmeras orações que a Serva de Deus gostava de difundir através das imagenzinhas; esta prece autografada está escrita no reverso do santinho.

## Notas do Capítulo 2

1) Este apelo foi escrito pela Serva de Deus no ano de 1924.

2) Os títulos não são originais. São sobretudo palavras tiradas das orações que exprimem o tema das mesmas. As preces foram encontradas entre os objetos pessoais de Rosária Bucci e agora fazem parte do meu arquivo particular sobre a Serva de Deus.

## CAPÍTULO 3

### A epiléptica curada

A tia Rosária, nascida a 4 de abril de 1898, última de uma numerosa prole era, como dizia minha avó, a única filha «desafortunada» da família, pois sofria de crises epilépticas. Além disso, em virtude de um banal acidente, foram-lhe amputadas as falanges dos dedos médio, anular e mínimo da mão direita.

Com a esperança de obter a cura, minha avó levou-a a Luísa, cuja habitação era frequentada por um grupo de moças às quais ela ensinava a bordar almofadas. Pediu a Luísa que a inserisse entre elas, de maneira que pudesse aprender a profissão. Nessa época a tia Rosária tinha apenas nove anos, embora demonstrasse ser muito maior. Corria o mês de janeiro do ano de 1907, um dia muito frio e chuvoso. Luísa já era famosa em toda Corato e todos lhe chamavam Luísa a Santa. Luísa Piccarreta não era apenas uma mulher de vida santa, que todos



respeitavam, mas também uma agente social. Efetivamente, ela tinha criado na própria casa uma escola de bordado de almofadas, que naquela época constituía uma grande promoção social para muitas jovens que saíam fora do ambiente caseiro e camponês (1).

Eis como o encontro teve lugar...

Eram cerca das 10 horas quando minha avó foi com a tia à casa de Luísa, situada na rua Nazario Sauro, chamada rua do Hospital. A porta foi aberta pela mãe de Luísa, já de idade avançada, que se entreteve para falar com minha avó, pedindo-lhe notícias de alguns familiares (2).

Logo que terminou o diálogo, a mãe de Luísa acompanhou as duas ao pequeno quarto da filha que, na cama, dava lições de bordado às moças.

Angelina, irmã de Luísa, pediu às jovens que estavam bordando que saíssem, trouxe uma cadeira na qual se sentou minha avó, e as duas começaram a falar.

Este é o testemunho de minha tia: «As duas falaram de vários argumentos de que não me recordo bem, como duas velhas amigas que não se encontravam havia muito tempo. Enfim, minha mãe beijou Luísa e saiu. Intuí que falaram também de mim e que Luísa tinha dado consento ao pedido de minha mãe. Quando fiquei a sós com Luísa, ela fixou-me profundamente com um olhar de benevolência, como se me quisesse encorajar. Nada suspeitava daquilo que em seguida me teria acontecido: teria ficado ao seu lado, ininterruptamente, por quarenta anos».

Alguns dias depois, minha tia foi atingida por uma imprevista crise epiléptica, exatamente quando recebia os rudimentos do bordado de almofadas. Minha tia nunca falou deste episódio, porque era bastante discreta e reservada acerca de tudo o que se referia a Luísa, e raramente falava disto em casa. Este fato foi-me narrado pela minha mãe, que por sua vez tomou conhecimento disto através de uma sua amiga que estava presente quando o mesmo teve lugar.

Assim que minha tia caiu no chão, com a língua fora da boca que espumava pela crise epiléptica, as jovens que estavam ali assustaram-se e escaparam, enquanto minha tia era socorrida por Angelina, irmã de Luísa. Neste ínterim, Luísa não se descompôs de forma alguma, como se o caso não lhe interessasse minimamente, e continuou o seu trabalho. Uma moça, que não obstante o susto permaneceu ali, testifica: «Quando viu Rosária no chão, Luísa levantou o olhar para o céu e pronunciou estas palavras: "Senhor, se a colocastes ao meu lado, desejo que ela seja sadia". E continuou o seu trabalho». Em virtude da grande confusão que se criou, ninguém tinha prestado atenção à prece de Luísa.

Quer esta oração tenha sido verdadeira ou não, a partir daquele momento a tia Rosária nunca mais teve crises epilépticas. Ela viveu até à idade de 80 anos e faleceu em função de uma crise diabética (foi isto que lhe diagnosticaram). A sua enfermidade durou um dia e meio.

Luísa Piccarreta, enquanto lê as Sagradas Escrituras.

O sino da discórdia

A tia Rosária, co-proprietária dos bens da família, tinha praticamente renunciado à metade dos lucros, que nessa época podiam considerar-se relevantes, em nosso benefício, pois éramos uma numerosa família com seis filhos estudantes. Ela vinha quase todos os dias comer em casa e senti-a senhora da situação. A obra que ela realizava em casa era muito preciosa,

especialmente no que concerne aos trabalhos domésticos: contribuía na cozinha, preparava a mesa e ajudava a desfazê-la antes de ir embora.

Esta sua contribuição era muito apreciada, porque minha mãe era professora e todos nós estudantes, e dificilmente podíamos realizar os trabalhos domésticos. As poucas vezes que a tia Rosária não vinha, fazia-se tudo com confusão e de maneira apressada. Recordo que quando voltávamos da escola encontrávamos a tia Rosária sempre pronta a exortar-nos a lavar as mãos e a fazer o sinal da cruz antes de começar o almoço.

Porém, algumas vezes agia de maneira estranha, o que suscitava murmurações em nós e de forma especial em minha mãe. O modo de agir parecia-nos insolente e desafiador, como se quisesse afirmar que a dona da casa era ela.

Isto dependia também do seu caráter forte e desapegado, que dificilmente concedia confidências.

A sua presença suscitava em todos uma certa perturbação, ninguém em casa ousava pronunciar palavras que não fossem corretas e ela dificilmente aderiu aos nossos desejos; nunca nos deu pequenos presentes ou dinheiro. Só era disponível quando demonstrávamos o desejo de nos confessar ou ir à igreja, especialmente à tarde, a que ela nunca faltava. Geralmente frequentava a paróquia de Santa Maria Greca, onde o seu lugar era ajoelhada, no habitual canto na capela do Santíssimo. Quando a procurávamos para algum trabalho familiar, se não estava na casa de Luísa, encontrávamo-la ajoelhada na igreja, no seu lugar de sempre.

Certo dia, disse-lhe: «Não sentes dor nos joelhos?». Ela sorriu-me e não respondeu à pergunta, mas acrescentou: «Nesse lugar ajoelhava-se Luísa, quando podia ir à igreja. É ali que Luísa falava com Jesus».

Aquele seu estranho modo de agir incomodava e, por este motivo, em nossa casa pronunciavam-se frases bastante complicadas. As causas das contendas em família, especialmente entre a tia e minha mãe, eram as seguintes.

Enquanto estávamos comendo, a tia levantava-se muitas vezes de pressa, vestia o sobretudo e ia embora.

Outras vezes, enquanto se discutia de importantes fatos de família, ela interrompia o diálogo e desaparecia. Este seu modo de se comportar deixava todos sem palavras, pois não tinha uma explicação lógica. Por isso, a tia Rosária era considerada uma mulher falsa e hipócrita, e minha mãe atribuía estas atitudes à sua soberba. Somente meu pai, que nutria um grande afeto pela sua irmã, mantinha o equilíbrio e a desculpava sempre, provocando a ira de minha mãe que se sentia ofendida pela pouca consideração que ele tinha pelas suas observações sobre a tia.

Nós, filhos, estávamos em perfeita harmonia com nossa mãe e todos nós considerávamos a tia Rosária a ovelha negra de nossa família, objeto dos nossos sarcasmos. Era necessária a intervenção de nossa mãe para moderar o nosso zelo indiscreto. Apesar de tudo, minha mãe tinha grande estima pela tia Rosária e admoestava-nos: «Recordai-vos que é sempre uma alma consagrada».

Talvez o que mais incomodava era o fato de que no dia seguinte a tia Rosária se apresentava em casa como se nada tivesse acontecido, e jamais respondia às explicações, que minha mãe pedia a respeito da sua atitude.

Quando eu era sacerdote e minha tia já era muita idosa e vivia circundada pela veneração da família, perguntei-lhe o motivo daquele seu modo de agir, e ela disse-me: «Quer mesmo saber? Interessa-te tanto?». «Sim», respondi-lhe.

Assim, começou a falar: «Eu sofria muitíssimo pelas incompreensões, mas tratava-se de provações tremendas às quais o Senhor me submetia para ser digna sentinela de Luísa. Ela transcorria muitas horas do dia em oração. Eu intuía quando desejava ficar sozinha e, sem que nada me dissesse, levantava-me do trabalho de bordado, tirava o bordado das suas mãos, apoiando-a então sobre a mesa, pedia que todos saíssem do seu quarto, fechava as pequenas cortinas da cama, fechava também o seu quarto e continuava a trabalhar em silêncio no quarto adjacente. Passavam muitas horas e, quando ouvia o sino, eu entrava sozinha no quarto de Luísa, abria as pequenas cortinas da cama, recolocava o bordado nas suas mãos de maneira que todos, ao reentrarem, a encontrassem do mesmo modo que a tinham deixado, ocupada com o trabalho. Também de manhã, enquanto estava ainda na cama, só eu ouvia o sino, às vezes por volta das três ou quatro horas. Sua irmã Angelina resmungava, porque se acordava ouvindo-me levantar. Eu ia ao quarto de Luísa e encontrava-a como que morta, sem sinal de vida, imóvel. Arrumava os seus cabelos, os travesseiros atrás dos ombros, que muitas vezes encontrava no chão. Observe-se que os (três) travesseiros estavam posicionados atrás dos ombros de Luísa... mas ela nunca se apoiava, pois eles só lhe serviam para cobrir o vazio entre a sua pessoa e a cabeceira da cama. Depois de arrumar o corpo de Luísa, eu preparava o altar para a Santa Missa. Quando o sacerdote chegava para a celebração, eu fazia-o entrar sozinho no quarto. Ele fazia-lhe um sinal da cruz no corpo e chamava-a de novo à vida. Assim que Luísa voltava à normalidade, todas as outras pessoas entravam para assistir à Santa Missa, inclusive o coroinha que estava sempre presente. Luísa assistia à Santa Missa como se estivesse em êxtase, com grandíssimo devoção, respondendo em perfeito latim. Após a comunhão todos iam embora, enquanto que Luísa se imergia em uma longa e profunda ação de graças, que durava algumas horas. Por volta de nove horas da manhã tocava o sino, entrávamos no seu quarto e ela começava o trabalho de bordado. Eu trabalhava ao lado de Luísa e usávamos os mesmos bilros, o mesmo fio e os mesmos alfinetes, enquanto eu aperfeiçoava os trabalhos de Luísa porque estes ficavam bastante soltos, dado que ela não tinha a força para puxar os fios pela dor que sentia nas mãos, em virtude dos estigmas que lhe estavam impressos».

A esta altura, interrompi-a e disse: «Mas nunca vi os estigmas nas suas mãos!».

## Parte 2

BERNARDINO GIUSEPPE BUCCI  
Frade Menor Capuchinho

LUÍSA PICCARRETA  
Coletânea de memórias sobre a Serva de Deus

E ela respondeu-me: «Sem dúvida, pois eram internas; só eu e algumas pessoas os vimos. Entre estas, os confessores e as irmãs Cimadomo, e parece-me que também a sua sobrinha Giuseppina. Com efeito, se se tomasse a mão de Luísa e se a colocasse diante do sol, o furo interno era visível. Muitas vezes, quando eu entrava de noite no seu quarto, a encontrava totalmente molhada de sangue; dos pés, das mãos e do seu lado escorria tanto sangue a ponto de impregnar a sua camisola e a cama. Às vezes o sangue chegava ao chão. Não só o corpo,

mas também a cabeça e o rosto estavam cobertos de sangue: parecia um crucificado. Nas primeiras vezes deixei-me impressionar, julgando-a morta por hemorragia e corria em busca de toalhas para limpá-la, mas quando voltava a encontrava totalmente limpa, exceto os lençóis. Tudo desaparecia. Este fenômeno acontecia duas ou três vezes por ano».

«Mas tu – disse-lhe – nunca falou deste fenômeno?».

«Não – respondeu-me – só o Pe. Benedetto Calvi o conhecia. Ele proibiu-me absolutamente de falar deste fenômeno e disse-me que me teria negado a absolvição, se por acaso eu tivesse tido a imprudência de o narrar a alguém. Tu és o único que sabes, e espero que Luísa não leve a mal».

Depois de um momento de silêncio, continuou: «Peço-te que não divulgues este fenômeno».

Deu-me a impressão de se ter arrependido de o dizer. Com efeito, era a primeira vez que o narrava.

Este é um dos inúmeros fenômenos que dizem respeito à vida de Luísa, e que permaneceram desconhecidos.

Depois de uma longa pausa, a tia retomou a palavra: «Geralmente, Luísa trabalhava apenas para as igrejas, confeccionando toalhas bordadas para altares, camisas e sobrepelizes para sacerdotes. Dado que lhe pediam incessantemente, às vezes ela confeccionava cobertas bordadas de cama para jovens casais. Luísa tinha um fraco particular pela santificação das famílias, e muitos jovens esposos iam ter com ela para receber conselhos. Quanto bem ela fez e quantas famílias salvou da ruína! Eu saía de casa quando Luísa se fechava no quarto em oração, e pouco depois de voltar tocava o sino, pelo que eu ficava muito tranquila. Quando eu devia ausentar-me por alguns dias, a sua sobrinha Giuseppina vinha substituir-me. Mas às vezes, quando eu estava distante, em casa ou na igreja ou ainda na casa de alguma amiga, e ouvia o sino, deixava tudo, mesmo o almoço, e corria à casa de Luísa. Em virtude deste meu modo de se comportar, eu era considerada um tipo estranho não só pela família, mas também por terceiros. Não podia dar explicações, porque só eu ouvia o toque do sino, e se eu o dissesse aos outros, taxar-me-iam de louca e visionária, motivo pelo qual me calava e quando me perguntavam a razão de tal atitude, procurava sempre desviar-me deste assunto, fingindo que não ouvia. Tudo isto me causava um grande sofrimento. Muitas vezes, depois de uma corrida arquejante, eu encontrava Luísa em oração».

Perguntei-lhe: «E quem tocava o sino?».

«Não sei», respondeu.

«E o que Luísa dizia?».

«Nada».

«E o que fazias?».

«Ajoelhava-me ao lado da sua cama e rezava».

«Mas não notavas nada durante a oração de Luísa? É verdade o que se dizia de Luísa, que muitas vezes se encontrava suspensa no ar?».

«Não posso falar destas coisas, pois Luigi sempre me proibiu de narrá-las. Só o seu confessor sabia tudo e era o depositário dos seus fenômenos extraordinários. Por sua vez, Luísa fingia

sempre que não havia nada de novo, nem permitia que se dissesse sequer uma palavra. Tudo devia ser submetido à autoridade do sacerdote e só ele podia dizer se tais fenômenos podiam ser divulgados. Luísa nada fazia e nada escrevia sem a autorização do seu confessor, e estava tão submissa à autoridade da Igreja, que nada se devia saber ou ser escrito e divulgado sem o consentimento da mesma. É nesta linha que se poderá saber tudo de Luísa; tudo está registrado nos seus escritos».

Então, acrescentei: «Mas os seus escritos não podem revelar tudo da sua vida, porque a vida de Luísa é muito mais complexa».

«Isto é verdade – retorquiu-me ela – e eu poderia dizer muitas coisas que ninguém sabe».

«E por que te obstinas em não falar?. «Se Luísa tivesse desejado que se soubessem, tê-las-ia escrito, ou a Igreja lhe teria pedido que as escrevesse: é claro que determinados fenômenos que se verificavam, dos quais eu e algumas outras pessoas fomos testemunhas, não são úteis para a santificação das almas. O Senhor permitiu que se conhecesse tudo o que é útil para a Igreja e as almas; o restante não é útil. Enquanto falo, parece-me que profano a intimidade que se tinha criado entre Deus e Luísa, e os homens não o compreenderiam. A mensagem que Luísa deixou ultrapassa a sua própria pessoa. Luísa desejava que somente o Senhor tivesse toda a honra e glória, e a sua pessoa devia desaparecer no nada; era por isso que ela amava a solidão e o silêncio, e muito a incomodava quando observava que a sua pessoa era objeto de veneração por parte das pessoas, pois ela considerava-se somente uma pobre enferma, necessitada de tudo. Eu e as outras sabíamos muito bem que Luísa não tinha necessidade de nada, e nós devíamos ser as sentinelas do seu mistério. Quantas manhãs encontrava Luísa totalmente arrumada, com o altar já preparado para a Santa Missa, com as velas acesas!».

«E como isto acontecia, se Luísa nunca pôs os pés no chão por cerca de setenta anos? Mas estás certa daquilo que dizes?».

«Certíssima! Pois só eu entrava no seu quarto».

«Nunca quisestes obter uma explicação?».

«Pensei que os Anjos a servissem, especialmente o seu Anjo da guarda, do qual ela era extremamente devota. Muitas vezes o seu quarto estava imbuído de perfume».

«E os outros sentiam esse perfume?».

«Sim, todos aqueles que assistiam à Santa Missa. Recordo-me que certa vez o Pe. Cataldo De Benedictis que, na ausência do seu confessor, tinha vindo celebrar a Santa Missa, me disse: "Não coloques perfume no quarto, porque se não saio dali tonto". Assegurei-lhe que ninguém o havia perfumado, mas ele não acreditou em mim».

«É verdade que Luísa vomitava inteiramente, tudo o que comia?».

«Sim. Porém, este fenômeno era conhecido por todos, porque Luísa devia viver somente da Vontade de Deus. Mas muitos não acreditavam e pensavam que engolia algo».

«Também eu testemunhei este fato mais de uma vez, quando vinha encontrar-te na casa de Luísa».

«E então, o que mais queres saber? Contudo, muito se desperdiçava e nessa época, como sabes, havia uma grande miséria. Também eu falei disso a Luísa, embora a sua alimentação fosse tão frugal, que só bastava para um recém-nascido. E a sua resposta foi: "Sejamos

obedientes". Com efeito, no que diz respeito a este fenômeno, os confessores eram intransigentes, duros e inflexíveis. Parece-me que havia uma ordem específica do bispo. Certa vez, o confessor disse-me com voz forte: "Deve comer todos os dias, e todos devem saber que ela come, se não colocarão sentinelas à sua porta, como fizeram com Teresa Newman, provocando uma grande confusão nos jornais"».

«Mas ela bebia água ou outros líquidos?».

«Nunca lhe dei água para beber; ela só tomava suco de amêndoas amargas, que as irmãs Cimadomo lhe traziam. Às vezes também a tua irmã Isa preparava este suco, e para isso pedia as amêndoas à tia Nunzia» (3).

«Mas as amêndoas amargas não contêm veneno? E com o passar do tempo não fazem mal ao organismo?».

«Não sei, mas posso afirmar com consciência certa que era o único líquido que ela bebia sem vomitar».

«O suco era pelo menos adoçado?».

«Não – respondeu-me – mas agora basta, já disse quase tudo aquilo que podia e que também todos sabiam».

«Mas gostaria de saber mais!».

«Não! Isto é apenas curiosidade; se Luísa desejar, poderei revelar-te muitas outras coisas, então eu mesma te chamarei».

Assim terminou o colóquio com a tia Rosária (4). Era o dia 15 de outubro de 1970.

Rosária Bucci viveu durante quarenta anos ao lado de Luísa Piccarreta.

Uma bordadeira perfeita

Não obstante a mutilação nos dedos da mão, para a admiração de todos, a tia Rosária tornou-se uma bordadeira perfeita. Aprimorava os trabalhos de Luísa e tornou-se a mestra de todas as jovens que frequentavam o curso de bordado. Além disso tornou-se indispensável e, com efeito, depois da morte dos pais de Luísa, passou a ser a governante da sua casa. Era ela que recebia os pedidos e concluía os contratos de trabalho. Porém, não dizia a ninguém quais eram os bordados de Luísa, porque a Serva de Deus não queria que o seu trabalho fosse objeto de particular atenção e admiração. Após a morte de Luísa, o trabalho de bordado não se deteve, porque a tia Rosária mantinha viva a tradição dos bordados, que se tornou florescente graças a Luísa Piccarreta. O fato de a tia Rosária ser uma bordadeira perfeita era considerado por todos um milagre contínuo, uma vez que a sua mutilação física não lhe teria podido consentir a execução de um trabalho tão delicado como o bordado. Para trabalhos que podiam valer milhões – pois eram necessários anos de empenho – pediam-se somas muito modestas. Por este motivo, nós sobrinhos lamentávamos com a tia e ela respondia: «O dinheiro tem pouco valor, o importante é poder viver». A tia Rosária narrava-nos que uma proibição categórica fora prescrita por Luísa no que se referia ao recebimento de dinheiro, a qualquer título que fosse, especialmente de ofertas. Se por acaso às vezes chegassem somas de dinheiro por carta, as mesmas eram imediatamente devolvidas ao destinatário. Luísa afirmava que para ela aquilo que já possuía era demasiado, e que não havia necessidade de nada. Aquele pouco dinheiro, fruto do seu trabalho, era suficiente para a manutenção da tia Rosária e da irmã de Luísa,

Angelina. É característica a resposta que a Serva de Deus deu ao Beato Aníbal, quando este lhe desejava dar os direitos de autor para as suas obras publicadas: «Não tenho qualquer direito – disse ela, rejeitando o dinheiro que lhe era oferecido pelo Beato – porque o que está escrito não me pertence».

As chagas misteriosas

Por volta de 1940 a tia Rosária, uma mulher robusta e cheia de saúde, sem sentir qualquer dor, começou a ter chagas que, com o passar do tempo, se tornavam cada vez maiores e purulentas. De forma especial, eram bem visíveis duas chagas enormes, semelhantes a dois furúnculos entumecidos, posicionados precisamente debaixo do queixo. Estas feridas emitiam um pus quase contínuo e algumas gotas do mesmo caíam até mesmo no prato, enquanto ela comia. Sentia uma sensação de repugnância durante estas situações desagradáveis, e procurava afastar-me da mesa, mas para não fazer pesar o embaraço que isto nos causava, minha mãe detinha-me pela mão, dando-me às vezes alguns beliscões. Como co-proprietária dos bens de família, a tia Rosária vinha com frequência comer em nossa casa. As suas chagas, que então se difundiram pelo corpo inteiro, especialmente no peito e nas costas, eram amorosamente curadas pela minha mãe, que exortava a tia Rosária a ir a Bari para consultar um especialista. Mas certo dia a minha tia apresentou-se à mesa completamente curada. Todos ficaram assombrados. Com efeito, no lugar das feridas havia pequenos sinais cicatrizados. Ninguém comentou, mas quando ela foi embora, recordando os episódios antigos e novos, meu pai comentou: «Ched femn c fatt' vdai caus nov» («Essa mulher fez-nos vez sempre coisas novas»), referindo-se a Luísa. Também meu pai alimentava uma grande devoção por Luísa a Santa e, no seu leito de morte, desejou apertar no peito a camisa dela. Minha mãe vestiu essa mesma camisa no momento da sua partida para o céu.

Mas o que tinha acontecido com a minha tia?

Eis a sua narração, que teve lugar durante uma das visitas que lhe fazia periodicamente quando era vice-pároco no convento de Barletta.

Exortada pela minha mãe, a tia Rosária foi a Bari para consultar um especialista em dermatologia. O diagnóstico foi terrível. «Estimada senhora – disse-lhe o médico – estas chagas são cancerígenas e difundir-se-ão cada vez mais em todo o seu corpo. É uma espécie de lepra, uma enfermidade raríssima». Pode-se imaginar o estado de ânimo da minha tia, quando ouviu estas palavras. Depois de perambular várias horas por Bari, à noite voltou à casa de Luísa e desabafou-se com a Serva de Deus, dizendo-lhe irritada: «Estou sempre contigo, e permites que me aconteçam certas coisas? Não tenho filhos que me possam curar». Luísa deixou-a falar, e depois disse-lhe: «Rosária, Rosária... procuraste todos os médicos, descuidando o único verdadeiro remédio». Quando ouviu estas palavras, a minha tia tomou imediatamente todos os seus remédios, os rolos de gaze e de algodão e lançou fora da varanda (tudo isto aconteceu na casa da rua Madalena, onde moravam nessa época). Depois, disse: «Agora confio-me a nosso Senhor e às tuas orações». Antes de ir para a cama, Luísa chamou-a, pediu que se ajoelhasse ao lado do seu leito e juntas rezaram durante muito tempo. Depois, a minha tia levantou-se e foi para a cama. Ela dormia em uma cama de casal, em companhia de Angelina. Nessa mesma noite, a tia Rosária sentiu um bem-estar em todo o próprio corpo e, quando se levantou na manhã do dia seguinte, observou que todas as chagas tinham secado; estavam cobertas somente por uma ligeira crosta, que caiu durante o dia: ela estava totalmente curada. Espalhou-se a voz do milagre, mas ninguém ousava falar dele de forma aberta, embora todos soubessem que Luísa tinha interferido. E isto porque Luísa não queria que tais fenômenos se

atribuísem à sua pessoa. «Não sou capaz de fazer milagres, pois é nosso Senhor que os faz», afirmava. Por estes motivos, nenhum episódio extraordinário que se verificava com a sua intervenção era objeto de anúncios, mas contudo estes difundiam-se em silêncio.

O Beato Padre Pio, Luísa Piccarreta e Rosária Bucci

Luísa Piccarreta e o Beato Padre Pio de Pietrelcina conheciam-se desde há muito tempo, sem jamais se encontrarem, dado que Luísa estava sempre sentada na cama e Padre Pio vivia isolado no convento dos Padres Capuchinhos de São João Redondo (5).

Uma pergunta nasce espontaneamente: como se conheceram?

É difícil sabê-lo, mas é fora de dúvida o fato de que se conheciam e se estimavam.

A tia Rosária narra que Luísa falava do Padre Pio com respeito e veneração, definindo-o: «Um verdadeiro homem de Deus», que ainda devia sofrer muito para o bem das almas.

Por volta de 1930, chegou a casa de Luísa uma personagem enviada pessoalmente pelo Padre Pio. Ele era Federico Abresch, convertido pelo Beato de Pietrelcina. O senhor Federico falou prolongadamente com Luísa. Não sabemos o conteúdo da sua conversa, mas é certo que o senhor Federico se tornou apóstolo da Vontade Divina e periodicamente visitava Luísa, com quem se entretinha sempre em longos diálogos.

Quando o seu filho recebeu a primeira comunhão das mãos do Padre Pio, foi acompanhado imediatamente também a Luísa que – segundo quanto se narra – lhe teria profetizado o sacerdócio.

Hoje a criança de então é sacerdote, trabalha na Congregação para os Bispos em Roma e é conhecido pelo nome de Mons. Pio Abresch.

Quando Luísa foi condenada pelo Santo Ofício e as suas obras proibidas, o Padre Pio enviou-lhe esta mensagem através de Federico Abresch: «Cara Luísa, os santos servem o bem das almas, mas o seu sofrimento nunca tem limites». Nesse período, também o Padre Pio se encontrava em grande dificuldade.

O Beato Padre Pio enviava muitas pessoas a Luísa Piccarreta e, aos habitantes de Corato que iam a São João Redondo, dizia: «O que vindes fazer aqui? Tendes Luísa, ide ter com ela».

O Padre Pio aconselhou a alguns dos seus fiéis (entre os quais Federico Abresch) que abrissem em São João Redondo um centro de espiritualidade que se inspirasse na Serva de Deus Luísa Piccarreta.

Hoje a herdeira desta vontade do Padre Pio é a senhora Adriana Pallotti (filha espiritual do Padre Pio), que fundou em São João Redondo uma Casa da Vontade Divina, conservando viva a chama acesa pelo Padre Pio com o senhor Federico Abresch). A senhora Adriana Pallotti afirma que foi o Beato Padre Pio a encorajá-la a difundir a espiritualidade de Luísa Piccarreta em São João Redondo e a contribuir à divulgação da Vontade Divina no mundo, como desejava o Padre Pio.

A tia Rosária frequentava periodicamente São João Redondo, de forma especial após a morte de Luísa. O Padre Pio conhecia-a muito bem e, quando Luísa ainda vivia, assim que a via, dizia: «Rosária, como está Luísa?».

A tia Rosária respondia-lhe: «Está bem!».



Depois da morte de Luísa, a tia Rosária intensificou as visitas a São João Redondo, também para receber iluminação e conselhos do Padre Pio.

Ela foi a única lâmpada que permaneceu acesa para resolver o caso de Luísa Piccarreta, no que diz respeito à sentença do Santo Ofício, visitava várias personalidades eclesásticas e enfrentava também a Congregação do Santo Ofício. Certa vez entrou – não se sabe como – no escritório do Cardeal Ottaviani, então Prefeito dessa Congregação, que a escutou benignamente, prometendo interessar-se pelo caso.

Com efeito, poucos dias depois, a tia Rosária foi convocada por D. Addazzi, arcebispo de Trani, que lhe disse: «Senhora, não sei se devo repreendê-la ou admirá-la pela coragem que teve ao enfrentar o cão de guarda da Igreja, o grande defensor da fé, sem ser mordida».

A conclusão foi que se obteve a autorização de transportar os despojos mortais de Luísa para o cemitério da igreja de Santa Maria Grega.

Luísa dissera à minha tia: «Tu serás a minha testemunha», e certo dia o Padre Pio disse-lhe de repente estas palavras no seu dialeto de Benevento: «Rosa', va nanz, va nanz ca Luísa iè gran e u munn sarà chin di Luísa» («Rosária, vai avante, vai avante que Luísa é grande e o mundo estará repleto de Luísa»).

A minha tia narrava com frequência este episódio, mas as coisas não iam bem: tudo fazia supor que Luísa iria cair no esquecimento.

Certo dia após a morte do venerado Padre Pio, a minha tia disse: «O Padre Pio profetizou que Luísa será conhecida no mundo inteiro». E repetia esta frase que o Padre Pio pronunciara no seu dialeto.

Respondi-lhe que o caso de Luísa Piccarreta não seria de fácil solução. Efetivamente, mesmo em Corato já não se falava mais dela, e a frase do Padre Pio podia considerar-se uma observação consoladora. Todavia, a tia Rosária retorquiu: «Não! Durante a confissão, o Padre Pio disse-me que Luísa não é um fato humano, é uma obra de Deus, e Ele mesmo a fará emergir. O mundo permanecerá assombrado diante da sua grandeza; não transcorrerão muitos anos antes que isto aconteça. O novo milênio verá a luz de Luísa».

Permaneci em silêncio perante esta afirmação, e então a tia fez-me a seguinte pergunta: «E tu, acreditas em Luísa?».

Respondi-lhe que sim.

Então, disse-me: «Daqui a alguns dias vem à minha casa porque devo dizer-te algo muito importante».

Corria a década de 70, e o Padre Pio falecera havia poucos anos.

### O segredo da tia Rosária

Em 1975, precisamente em 2 de fevereiro – recordo que era um dia muito frio – a minha tia chamou-me à sua casa. Era muito idosa e começava a ter problemas nos olhos, derivantes da diabete. Os meus dois sobrinhos, Vicente e Sara, iam à sua casa para lhe fazer companhia.

Nesse dia, encontrei-a sentada atrás da cristaleira, recitando o rosário. Sentei-me ao seu lado e, depois de a cumprimentar, perguntei-lhe o que desejava dizer-me de tão importante.

Ela olhou-me e disse: «O que te digo agora é muito importante. Procura fazer bom uso disto e exorto-te a meditar sobre as maravilhas do Senhor que nos concedeu Luísa, criatura preciosa perante os olhos de Deus e instrumento da sua misericórdia. Dificilmente encontrarás uma alma tão preciosa e grande. Luísa supera-se a si mesma e só pode ser contemplada plenamente no mistério de Deus. Maria é aquela que, com o seu "Fiat", trouxe a redenção ao mundo, motivo pelo qual o Senhor a enriqueceu de maneira tão admirável a ponto de ser uma criatura elevada à dignidade de Mãe de Deus. Maria é a Mãe de Deus e nenhuma criatura jamais poderá igualá-la na grandeza e no poder; depois de Deus, só Ela exprime ao mundo as maravilhas do Senhor. Depois de Nossa Senhora vem Luísa, que traz ao mundo o terceiro "Fiat", o "Fiat" da Santificação».

A tia Rosária disse isto pacatamente, cadenciando as palavras, persuadida daquilo que afirmava. Fiquei deslumbrado diante de tais asserções.

«Eis por que Luísa ficou sempre imobilizada em uma cama e cada dia era oferecida às Majestades Divinas como vítima de expiação à Santíssima Vontade de Deus – continuou ela. Deus compadeceu-se desta criatura e foi tão cioso no que se lhe refere que a tirou do meio dos homens, confiando-a somente à sua Igreja, a fim de que a tutelasse e humanamente a forjasse com infinitas penitências e incompreensões. A minha Luísa não conheceu qualquer consolação humana, mas apenas divina, e mesmo o seu corpo estava perenemente suspenso entre o céu e a terra, e a sua vida terrena foi uma contínua contradição em relação às vidas humanas normais. Também no seu corpo ela devia ser totalmente de Deus».

Depois, ela confiou-me: «Certo dia, o Senhor disse a Luísa: "Todos aqueles que te viram e conheceram se salvarão" (6).

Caro Peppino, este é um extraordinário dom de Deus e permaneceu escondido no silêncio porque Luísa não queria que se difundisse, se não a sua pessoa se haveria de tornar objeto de curiosidade ou de veneração, que ela dizia que não merecia. Certo dia, somente o seu confessor me disse que podia revelar estas coisas com discrição. Agora disse-o a ti, com a esperança de que possa fazer bom uso disto».

Nesse dia fiquei encantado com a linguagem utilizada pela tia Rosária, que expressou conceitos teológicos de forma perfeita, usando até mesmo expressões poéticas.

Por puro caso, os apontamentos reunidos perderam-se e assim limitei-me a escrever aquilo de que me recordo.

A sua morte, quase imprevista, não me deu tempo de lhe fazer ulteriores interrogativos que esclarecessem melhor aquilo que já me tinha confiado.

A tia Rosária faleceu em 1978.

A mão do Padre Pio de Pietrelcina, marcada com o estigma, elevou-se milhares de vezes para abençoar os fiéis no final da Santa Missa.

A rua Madalena em Corato. A casa em que a Serva de Deus Luísa Piccarreta morou nos últimos anos da sua vida santa.

Notas do Capítulo 3

1) Este é um aspecto de Luísa Piccarreta que nunca se aprofundou e que seria digno de maior atenção: que influência Luísa teve no ambiente camponês?

2) A mãe de Luísa Piccarreta faleceu alguns meses depois do encontro com a tia Rosária, precisamente no dia 19 de março de 1907, solenidade de São José. O seu pai, ao contrário, morreu apenas quinze dias depois. Luísa fala deles prolixamente nos seus escritos.

3) A tia Nunzia era irmã de minha mãe, e seu marido era um camponês.

4) Muitas vezes a tia Rosária dava a impressão que falasse com Luísa antes de dar uma resposta aos interrogativos que eu lhe apresentava. Foi o meu sobrinho Vicente quem me disse estas coisas, confirmadas por um senhor mexicano que participara no Encontro internacional sobre Luísa Piccarreta na Costa Rica. Quando visitou Corato, este senhor teve longos diálogos com a minha tia.

5) Narra-se que quando Luísa foi condenada, o arcepreste de Corato, Pe. Clemente Ferrara, pregou na Igreja-Mãe que ninguém mais podia ir à casa de Luísa, e quem o fizesse seria excomungado. A proibição foi alargada também aos sacerdotes que também pregavam neste sentido nas suas igrejas. Com a admiração de todos, especialmente das irmãs Cimadomo que não abandonaram Luísa, certo dia apresentou-se um frade que permaneceu várias horas em colóquio com Luísa. Ninguém sabia dizer quem era esse frade capuchinho. Alguns diziam que reconheceram nesse frade o Padre Pio, que teria ido consolar Luísa. Isto não se encontra confirmado em qualquer parte e a tia Rosária não quis abordar qualquer discussão sobre este acontecimento. Nem sequer se podem interrogar Angelina e as irmãs Cimadomo, falecidas já há muito tempo.

6) Acredito que o Senhor quisesse dizer que o conhecimento de Luísa não se podia limitar à sua pessoa, mas devia ter no centro a sua mensagem.

#### CAPÍTULO 4

##### Aníbal Maria di Francia e Luísa Piccarreta

A tia Rosária falava com frequência e de bom grado sobre o Beato Aníbal Maria di Francia, fundador dos Rogacionistas e das Irmãs do Zelo Divino.

Falava do Beato como se fosse um seu íntimo familiar e, para o indicar, usava a expressão «Padre Francia». Eu mesmo Interessei-me muitíssimo por esta personagem e várias vezes pedi aos Padres Rogacionistas se por acaso no seu arquivo havia algo acerca das relações entretidas entre Luísa e o Beato Aníbal. Fui também ao Instituto de Santo Antônio de Corato, casa desejada pessoalmente pelo Beato, com a específica finalidade de transferir para ali Luísa, para que ficasse no meio das religiosas.

A minha tia dizia que o Padre Aníbal concebera o projeto de transferir Luísa para o Instituto de Religiosas aberto em Trani, mas Luísa fez-lhe observar que o Senhor desejava que ela permanecesse em Corato. O projeto do Padre Aníbal realizou-se em 1928, depois da sua santa morte.

Aníbal di Francia era o confessor extraordinário da Serva de Deus Luísa Piccarreta e foi ele que publicou as suas obras. O Beato Aníbal faz parte daquela plêiade de sacerdotes que edificaram a Igreja de Deus com a própria santidade e com as suas obras, realizadas em favor dos órfãos abandonados. A obra destes homens foi de grande benefício para a Itália e a Igreja, durante um período em que triunfava o anticlericalismo.

Em conformidade com as palavras da tia Rosária, o Beato gozava de grande estima de parte de São Pio X, que facilmente lhe concedia audiências particulares. Parece que São Pio X prestava

muita atenção a Luísa Piccarreta: o Beato submetia-lhe os escritos dela antes de os mandar imprimir.

A tia Rosária afirmava que depois de ter lido alguns escritos de Luísa, em particular a famosa obra sobre a Paixão de nosso Senhor, publicada com o título de *L'orologio della Passione*, São Pio X disse: «Caríssimo Padre, debes ler estes escritos de joelhos, pois ali é nosso Senhor Jesus Cristo quem fala». E foi o próprio Pontífice que exortou o Padre Aníbal a divulgar os escritos (1).

Aníbal ia periodicamente à casa de Luísa, na rua Nazario Sauro, e permanecia com ela durante várias horas em diálogos espirituais.

Com frequência acompanhava até Luísa algum bispo, italiano ou estrangeiro, entre os quais a tia Rosária recorda a visita de um prelado da Hungria. Para esclarecer algumas dúvidas, o Beato Padre conduzia a Luísa alguns teólogos que, depois de terem falado prolongadamente com a Serva de Deus, se reuniam em outra sala, para debater por longas horas sobre o que tinham acabado de ouvir.

A tia recorda que um bispo húngaro, depois de ter falado com Luísa, saiu do seu quarto perturbado e pronunciou as seguintes palavras em italiano imperfeito: «Rezai pelo meu povo»; Luísa falara-lhe do futuro nada róseo que esperava a pátria desse prelado. A tia Rosária não soube dizer-me com exatidão quem era esse bispo, nem o seu específico lugar de proveniência, mas disse-me apenas: «Bispo magiar».

Compreendi que se tratava de um bispo proveniente da Hungria.

As visitas do Padre Aníbal não se reduziam unicamente ao colóquio com Luísa; ele proferia conferências a todas as pessoas que frequentavam a casa de Luísa, especialmente aos jovens e às moças; estas conferências produziram frutos copiosos. Com efeito, muitas jovens se tornaram religiosas e muitos moços se encaminharam-me pela via do sacerdócio, enquanto não poucos foram acolhidos na sua nascente congregação.

Muitas pessoas iam à casa de Luísa para confessar-se com o Padre Aníbal. Isto foi-me confirmado pelo cônego Andrea Bevilacqua que, ainda jovem seminarista, ia também ele à casa de Luísa para confessar-se com o Padre Aníbal, que era também confessor extraordinário do venerado e bem-amado arcebispo de Trani, D. Leo.

Na minha publicação precedente não falei do Beato Aníbal di Francia, porque me aconselharam a manter silêncio a fim de não criar obstáculos à causa de beatificação em ato.

Seria muito interessante consultar os arquivos das Congregações dos Rogacionistas e das Religiosas do Zelo Divino, onde sem dúvida haverá vestígios do longo epistolário mantido entre a Serva de Deus Luísa Piccarreta e o Padre Aníbal. A minha tia dizia-me que a regra do Instituto seguia a espiritualidade de Luísa. Também seria muito interessante ler as antigas regras e constituições dos Institutos. Formulo votos por que agora que a Igreja proclamou o Padre Aníbal Beato, os Rogacionistas e as Religiosas do Zelo Divino possam revalorizar a figura da Serva de Deus Luísa Piccarreta que, com a sua oração, o seu conselho e os seus conselhos, contribuiu imensamente para o seu desenvolvimento.

Ainda há muito a dizer sobre as relações mantidas entre o Beato Aníbal a Serva de Deus Luísa Piccarreta e São Pio X, por quem Luísa nutria uma grande veneração. Já nessa época o venerava como santo, e várias vezes disse estas palavras: «Nestes tempos, o Senhor concedeu

à Igreja dois grandes Pontífices: o primeiro, filho predileto de Nossa Senhora – com referência a Pio IX – e o segundo, grande defensor da Fé e da Eucaristia».

O Beato Aníbal di Francia teve que ultrapassar obstáculos enormes para realizar o seu projeto de transferir Luísa para uma casa da sua Congregação no meio das religiosas. E com frequência dizia pronunciava estas palavras: «A hospitalidade de Luísa em uma casa do meu Instituto será uma bênção de Deus para toda a Congregação».

Efetivamente, embora em Trani já houvessem duas casas da Congregação do Zelo Divino, com santa obstinação ele abriu uma casa feminina em Corato, próximo ao lugar onde Luísa nascera. O seu projeto não foi de fácil realização: o santo fundador morreu antes que a casa tivesse sido completada.

Dois anos depois da sua morte, Luísa ingressou nas Religiosas do Zelo Divino, na rua Murge.

Recordações de Rosária Bucci

O Beato Aníbal Maria di Francia frequentava a Serva de Deus, com quem se entretinha em longuíssimas conversas, permanecendo horas inteiras no pequeno quarto de Luísa, onde muitas vezes celebrava a Santa Missa.

É isto o que me recordo da narração que me dedicou a tia Rosária.

Em 1910 chegou à casa de Luísa um sacerdote que queria falar com ela. Foi o primeiro dos numerosos encontros entre os dois «santos». Quem lhe abriu a porta nesse dia foi a tia Rosária, jovem que já se tinha acostumado com o ambiente de Luísa, dado que já a frequentava havia quatro anos e por isso se tinha tornado colaboradora de Angelina na economia doméstica. Além disso, após ter aprendido bem o trabalho de bordado, a tia Rosária servia de mestra para as outras jovens aprendizes e Luísa chamava-a para aperfeiçoar os seus trabalhos, que muitas vezes era imperfeito, uma vez que a Serva de Deus não podia apertar bem os nós em virtude dos estigmas, escondidos debaixo da pele e fonte de sofrimento (2).

Em muitas ocasiões, a tia Rosária preparava uma pequena cama em um quarto da casa de Luísa, onde às vezes o Beato Aníbal descansava, especialmente quando era hóspede da família Piccarreta por mais de um dia.

A permanência do Beato na casa de Luísa era condicionada pelo fato de que ela, antes de entregar os seus escritos a Aníbal, devia lê-los todos com explicações sobre os pontos obscuros ou incompreensíveis.

Foi precisamente a minha tia que entregou ao Beato Aníbal o manuscrito do famoso livro concernente à meditação sobre a Paixão. Este foi publicado pelo Beato Aníbal com o título *L'orologio della Passione*, título este que inicialmente não entusiasmou Luísa. A publicação, com longas prefações de Beato, tiveram precisamente quatro edições.

A tia Rosária recorda que certa vez o Beato Aníbal exortou todas as jovens e as pessoas que ordinariamente frequentavam Luísa a lerem e a meditarem essa obra. Ao entregar-lhes esse livro, o Beato proferiu as seguintes palavras: «Antes de imprimir o manuscrito, fui recebido em audiência por Sua Santidade Pio X, a quem entreguei uma cópia do mesmo. Depois de alguns dias, tendo voltado a encontrar-se com o Santo Padre para tratar coisas referentes à minha nascente Congregação, ele pronunciou estas palavras textuais: "Imprime imediatamente *L'orologio della Passione*, de Luísa Piccarreta. Lede-o de joelhos, porque é nosso Senhor quem fala"».

Não dispondo de outros documentos, temos que confiar no testemunho de Rosária Bucci.

O Beato Aníbal e os Frades Capuchinhos da Província Monástica da Apúlia

Parece que os Padres Franciscanos, e de maneira especial os Capuchinhos, sugeriram ao Beato Aníbal que colocasse as suas obras sob a proteção de Santo Antônio de Pádua. É claro que entre o Beato Aníbal e os Franciscanos Capuchinhos havia uma grande estima recíproca.

Pessoalmente, muitas vezes ouvi os nossos idosos pais falarem do Beato Aníbal di Francia.

O Padre Aníbal divulgava os escritos de Luísa, muitos dos quais eram oferecidos aos nossos frades, a quem ele recomendava vivamente que não revelassem a ninguém o nome da sua autora, uma vez que a piedosa escritora desejava permanecer anônima.

O Frade capuchinho que mais falou desta circunstância foi o Padre Isaías de Triggiano, figura de sacerdote autêntico, simples e humilde. Este Padre nutria uma profunda veneração por Luísa Piccarreta e conservava ciosamente os seus escritos e alguns objetos pertencentes à Serva de Deus, entre os quais um santinho com uma oração escrita diretamente por Luísa.

O Padre Isaías pronunciava com frequência estas palavras: «Luísa é uma grande santa e o Padre Aníbal, também ele é um grande santo porque no-la fez conhecer. Os santos compreendem-se entre si. É Deus que os une».

No longínquo ano de 1917, o Padre Isaías de Triggiano era estudante capuchinho no nosso convento de Francavilla Fontana, onde em várias ocasiões os frades receberam como hóspede o Padre Aníbal Maria di Francia, que estava realizando uma sua obra na vizinha localidade de Oria.

Eis as impressões que o Padre Isaías conserva do Padre Aníbal: «Era um sacerdote genuinamente de Deus, e quando nós estudantes o víamos, o cercávamos com muita simpatia. Todos iam confessar-se com ele. O seu aspecto era singular, também no seu modo de falar e de gesticular, sempre moderado, com uma discrição que não incutia medo, mas confiança filial. Ele falava-nos sempre da Vontade de Deus e exortava-nos a suportar as dificuldades e as contradições. Dizia-nos que uma alma, consagrada completamente a Deus, sofria e rezava por todos».

«Esta alma – dizia o Padre Aníbal ao Padre Isaías – é filha da tua terra, e este é o sinal de que o Senhor abençoa o povo da região de Bari». Para confortá-lo nas suas dúvidas e nos seus sofrimentos, ofereceu-lhe a obra *L'orologio della Passione*, que ele mesmo tinha feito imprimir. O Padre Isaías, que naquela época era o estudante capuchinho frei Isaías, perguntou-lhe onde se encontrava e quem era essa alma santa, mas o Padre Aníbal retorquiu-lhe: «Preocupa-te dignamente com o sacerdócio e em fazer sempre a Vontade de Deus e, com o passar do tempo, descobrirás quem é esta alma».

Depois que foi ordenado sacerdote, o Padre Isaías ia ter com Luísa Piccarreta, a quem recorria em busca de conselhos e – inúmeras vezes – para ser confortado no seu apostolado, insidiado pelas más línguas.

Nessa época, a Província Monástica da Apúlia atravessava um período não fácil, em virtude dos vários contrastes nascidos entre as duas Províncias de Bari e de Lecce, unificadas em uma única Província Monástica. Alguns sacerdotes se colocaram à frente de uma reforma que foi bloqueada por São Pio X.

A maioria deles submeteu-se, mas outros recalcitraram e terminaram por ser expulsos da Ordem e enfim excomungados. Entre eles estava o Padre Geraldo, superior e diretor do estudantado de Francavilla.

Este Padre tinha idéias singulares quando dirigia o estudantado, com uma disciplina draconiana; facilmente deixava os estudantes jejuarem, porque deviam mortificar-se e assemelhar-se ao Crucificado. O pior era que não permitia nem sequer que estudassem. O estudo deles devia ser o crucifixo e a penitência; e por conseguinte colocou nos quartos dos estudantes um enorme crucifixo e um cilício. Compreende-se muito bem em que estado de ânimo viviam todos os estudantes, muitos dos quais adoeciam. Por ocasião de uma das suas visitas, o Padre Aníbal di Francia chamou a atenção do Padre Geraldo, fazendo-o compreender que não se podiam tratar com esse regime os jovens que se encontravam na fase de crescimento. E ele mesmo deu o exemplo, levando ao convento muita providência e pedindo que lhes desse de comer até à saciedade, pelo menos de vez em quando. O Padre Aníbal era muito sensível à saúde dos jovens estudantes, e não raro dizia-lhes: «Esta não é a Vontade de Deus».

Parece que o Padre Geraldo não ficava totalmente insensível às exortações do Padre Aníbal, que sabia falar com muita convicção e caridade, a tal ponto que mesmo os corações mais duros se sensibilizavam. De fato, os resultados foram imediatamente evidentes: compraram-se os livros úteis para a formação sacerdotal dos jovens e começou-se a distribuir um pouco mais de pão e sopa.

Pouco tempo depois, o Padre Geraldo saiu da Ordem e foi excomungado pelas suas idéias bizarras e pela sua rebeldia contra a Igreja. As palavras do Venerável Aníbal concretizaram-se. Com efeito, quando os estudantes desencorajados se ajoelhavam aos seus pés para confessar-se, muitas vezes ele dizia: «Continuai a viver intensamente a Vontade de Deus, porque dentro em breve tudo mudará. Coragem!».

Muitos padres entraram em contato com o Padre Aníbal e através dele conheceram Luísa. Como esquecer o Padre Daniel de Triggiano, maravilhosa figura de Capuchinho, homem que representava uma autêntica flor de São Francisco. A sua simplicidade, palavras e gestos permanecem vivos ainda hoje em toda a nossa Província Monástica.

O Padre Daniel falava de Luísa Piccarreta como se fosse uma criatura do céu e, quando eu, ainda jovem seminarista, ia ao seu quarto para confessar-me, ele dizia-me sempre estas palavras: «Tu és Bucci de Corato? Conheceste Luísa? Sabe que ela é uma grande santa e jamais deixes de invocá-la se quiseres ser sacerdote».

O Padre Daniel foi o historiador de Triggiano e publicou também alguns manuais de piedade, recolhendo à mãos-cheias dos livros de Luísa Piccarreta. Do modo que falava de Luísa parecia que tinha tido contatos diretos com a Serva de Deus e com o Venerável Aníbal.

Ouvi falar muito da Serva de Deus Luísa Piccarreta também dos seguintes Padres: Giovanni De Bellis, enviado com frequência a Corato para a pregação, nestas ocasiões ia à casa de Luísa; João, meu coirmão de comunidade no convento de Trinitápolis, quando eu era superior e pároco, muitas vezes me falava de Luísa Piccarreta e do Beato Aníbal Maria di Francia, que ele tinha conhecido pessoalmente. Tive o privilégio de testemunhar os últimos momentos da vida do Padre João, morto com a veneranda idade de 92 anos. Ele faleceu completamente imerso na oração, com as mãos unidas e com o rosário. As suas últimas palavras foram estas: «Faça-se a Vontade de Deus». Corria o ano de 1982.

Também o Padre Terenzio de Campi Salentini nutria muita veneração pela Serva de Deus Luísa Piccarreta e, todas as vezes que me encontrava, falava dela. Foi ele que me comunicou que tinha iniciado o processo de beatificação do Padre Aníbal, confessor de Luísa. Quando eu era um jovem noviço no convento de Alessano, o Padre Terenzio era superior. Certo dia ele ofereceu-me este testemunho: «Passei por um período de crise de fé e certo dia fui visitar Luísa, que meu ouviu benignamente. Ela esclareceu todas as minhas dúvidas e deu-me explicações teológicas tão clarividentes e profundas que para mim foram uma revelação. Todas as dúvidas que os meus estudos teológicos não tinham esclarecido foram dissipadas por Luísa. Ela certamente possuía o dom da ciência infusa».

Certo dia, durante uma aula de ascética, o Padre Guglielmo de Barletta, um dos sacerdotes mais ilustres da Província, várias vezes ministro provincial, reitor do nosso estudantado de teologia, falou sobre o Venerável Aníbal e das suas obras. Falou prolongadamente de L'orologio della Passione e do livro intitulado Maria no Reino da Vontade Divina. Referindo-se a Luísa Piccarreta, pronunciou estas palavras: «É uma alma grande e maravilhosa. Nada somos em comparação com esta alma». O Padre Guglielmo não me disse se conheceu Luísa pessoalmente.

Quase todos os nossos antigos Padres tiveram contatos diretos e indiretos com o Venerável Aníbal e Luísa Piccarreta, entre os quais devem recordar-se ainda os seguintes: Zacaria de Triggiano, várias vezes provincial; Fedele de Montescaglioso; Giuseppe de Francavilla Fontana; Tobias de Triggiano; Antônio de Stigliano, que deixou alguns escritos sobre o Servo de Deus Frei Dionísio de Barletta; Arcângelo de Barletta, também ele provincial; Pio de Triggiano, provincial; Gabriel de Corato; Timóteo de Acquarica, grande amigo do último confessor de Luísa, Pe. Benedetto Calvi, em cuja paróquia pregou muitas vezes (assistiu também à transladação dos restos mortais de Luísa do cemitério à igreja e celebrou na Igreja-Mãe o ofício da abertura do processo de beatificação da Serva de Deus Luísa Piccarreta); e Salvatore de Corato, de quem falarei em um capítulo separado. Muitos irmãos leigos, que iam a Corato para a coleta, não deixavam de visitar Luísa: Inácio, Abel, Rosário, Brás, Vito e Crispino, que frequentemente me falavam com entusiasmo de Luísa, por quem nutriam uma grande veneração.

O Padre Terenzio de Campi Salentini, grande apreciador de Luísa Piccarreta

A preferência de Luísa pelos Capuchinhos. O Padre Salvatore de Corato e Luísa Piccarreta

Um capuchinho completamente repleto de Luísa a Santa era o Padre Salvatore de Corato. Conheci-o quando eu era estudante no Seminário de Giovinazzo (quarta e quinta séries ginasiais). O Padre Salvatore vinha transcorrer as férias conosco. Durante os passeios que fazíamos ao longo das alamedas do jardim do convento, falava-me sempre de Luísa e do modo como amadureceu a sua própria vocação capuchinha.

O Padre Salvatore era uma maravilhosa figura de capuchinho, de família rica, amabilíssimo nas maneiras, exprimia uma delicadeza de ânimo que raramente encontrei em outros frades. A sua vocação capuchinha e sacerdotal foi muito árdua e contrastada. Órfão dos pais, foi criado por uma tia que muitas vezes o levava a Luísa a Santa, a qual o considerava com muita simpatia e de bom grado se entretinha a falar com esse juvenzinho.

Certo dia, ela disse-lhe: «O Senhor quer que tu sejas sacerdote», mas o moço não deu muita importância às suas palavras. Quando se tornou um jovem belo e rico, procurado por todas as moças, empreendeu a carreira na Marinha e viajou muitíssimo. Nas longas travessias, que às



vezes duravam meses, era comum que o brilhante marinheiro se distraísse na ponte do navio, contemplando o mar infinito e as estrelas. Muitas vezes lhe vinham à mente as palavras de Luísa: «O Senhor quer que tu sejas sacerdote».

Quando certa vez se encontrava em perigo de morte, não lhe restou senão invocar Luísa: «Luísa, se quiseres que eu seja sacerdote, salva-me!». O caso quis que muitos dos seus companheiros morressem enquanto que ele, por um estranho prodígio, se salvasse. Pouco tempo depois, abandonou a sua carreira, regressou a Corato e foi à casa de Luísa. Após um longo colóquio, Luísa aconselhou-o a entrar no mosteiro dos capuchinhos, dizendo-lhe que encontraria dificuldades enormes. Era o Senhor que o teria colocado à prova para experimentar a sua vocação.

Com efeito, o seu ingresso na Ordem não foi facilmente aceito, contestado por aqueles que eram adidos à formação dos estudantes. Aduziam-se os motivos da sua idade, já bastante avançada em relação aos estudantes normais, a sua vida de marinheiro, decerto repleta de vícios e, além disso afirmava-se que, proveniente de uma família abastada, encontraria muita dificuldade em abraçar uma regra por si só bastante rígida. De nada valeram as cartas de apresentação do arcebispo, Pe. Clemente Ferrara, e do Pe. Andrea Bevilacqua, que pessoalmente o acompanhou ao noviciado de Montescaglioso.

O mestre dos noviços e o superior não o aceitaram e nem sequer o fizeram entrar no convento. Assim, o pobre jovem teve que permanecer três dias fora do convento, à espera de uma resposta do Padre provincial, a quem talvez o superior e o mestre dos noviços se tinham dirigido.

As palavras de Luísa verificaram-se plenamente.

Uma vez que foi recebido na Ordem, o Padre Salvatore renunciou generosamente a todos os seus bens de família e empreendeu os estudos para tornar-se capuchinho. Quando recebeu a Ordenação sacerdotal, quis ir à casa de Luísa para celebrar a Santa Missa em ação de graças. Ele concluía as suas narrações com estas palavras: «Luísa está no meu coração e na minha vida; sinto-a muito próxima, como se me quisesse ainda falar». Depois, acrescentou: «Tenho certeza de que não a minha vida não será longa, porque Luísa tem pressa em levar-me para o Paraíso». Dizia isto com um sorriso indescritível, que parecia muito celestial.

O Padre Salvatore foi utilizado pelos superiores como educador e diretor dos nossos jovens nos seminários menores, e todos o apreciavam e gostavam dele. Os seus dotes espirituais e humanos enriqueciam o exercício do seu ministério presbiteral. A sua saúde sempre precária desde que entrara na Ordem, constituiu um sinal da Vontade de Deus que o amadureceu no sofrimento pelo Seu Reino.

Quando lhe perguntei se eu podia ler os escritos de Luísa que tinham sido condenados pelo Santo Ofício, respondeu-me que não, e disse-me: «Luísa é totalmente da e na Igreja, que muitas vezes nos diz que devemos renunciar às coisas belas. Recorda-te que tudo aquilo que a Igreja leva a cabo é a Vontade de Deus, que tem os seus tempos. Talvez o mundo ainda não esteja amadurecido para receber e compreender esta grande santa. Penso que não passará muito tempo até que o Senhor mesmo a coloque sobre o candelabro». O Padre Salvatore faleceu no dia 3 de setembro de 1956, com quarenta e um anos de idade.

O Padre Salvatore de Corato

A maior parte dos frades capuchinhos fotografados no grupo tiveram contatos com Luísa Piccarreta e o Beato Aníbal

O Beato Padre Aníbal, confessor extraordinário e revisor eclesiástico dos escritos de Luísa Piccarreta

Notas do Capítulo 4

1) L'orologio della Passione teve várias edições, elaboradas pelo próprio Padre Aníbal, como se pode observar das longas prefações às mesmas.

2) O fato de que Rosária Bucci se tinha tornado uma bordadeira perfeita era considerado um milagre vivo, porque lhe faltavam quatro dedos da mão esquerda, circunstância que racionalmente torna impossível este trabalho. Todos ficavam encantados com a rapidez e a perfeição dos trabalhos, que eram muito procurados.

## CAPÍTULO 5

Um almoço estranho

Comecei a frequentar a casa de Luísa Piccarreta com idade de cinco anos, ali conduzido pela tia Rosária.

Quando cresci um pouco, levava com frequência a Luísa cestos cheios de fruta fresca que meu pai recolhia dos nossos terrenos.

Em várias ocasiões a minha tia pedia que almoçasse na casa de Luísa Piccarreta. Luísa não comia conosco, porque estava na cama no seu pequeno quarto, e ali consumia os poucos gramas de alimento que ingeria quotidianamente.

Certo dia, suscitado pela curiosidade, comecei a observar o cardápio que se preparava para Luísa: em um único prato havia lugar para toda a sua refeição. Era domingo, dia em que na nossa família se comia orecchiette (macarrão feito à mão, à forma de orelhinhas) com ragu. No prato destinado a Luísa foram postas não mais que cinco ou seis orecchiette e três ou quatro bagos de uva. Observando o meu assombro, a minha tia fixava-me com uma expressão satisfeita e sorridente. A uma certo momento, disse-me: «Leva este prato a Luísa». Mais surpreso do que nunca, tomei o prato e levei-o ao quarto de Luísa, que estava na cama. Ela tinha acabado de terminar o seu trabalho de bordado e sobre as suas pernas foi posicionado um pequeno banco coberto com uma toalha, onde ela colocou o prato que tomou das minhas mãos. Ela fixou-me profundamente com os seus grandes olhos, sem nada me dizer; depois, tomou um bago de uva e colocou na minha boca. Saí do quarto, enquanto Luísa começava a consumir o seu estranho almoço. Assim que me sentei à mesa, ouvimos tocar o sino. A minha tia levantou-se de repente, tomou uma bandeja e foi ao quarto de Luísa. Instintivamente, segui-a e, sem o desejar, assisti a um fenômeno que me deixou perplexo. Luísa vomitou toda a refeição, inteira, que tinha comido. O fato mais extraordinário é que não teve qualquer sensação desagradável ou perturbação que geralmente acompanha o vômito. A minha tia tirou o pequeno banco dos seus joelhos, colocou-o em um dos lados do quarto, fechou as pequenas cortinas diante da cama, fechou as persianas e disse-me: Vamos embora, porque Luísa deve rezar». Quando voltei para casa, contei tudo à minha mãe, que não demonstrou qualquer surpresa, dado que havia muito tempo que já sabia daquele fenômeno. Em síntese, Luísa não comia e não bebia; vivia somente da Vontade Divina. Este fenômeno durou quase setenta anos, com a alternância das vicissitudes.

Por obediência aos seus confessores, ela devia comer pelo menos uma vez por dia, não obstante vomitasse tudo imediatamente depois.

#### A renúncia malograda

Certo dia, era de novo domingo, eu estava na casa de Luísa, quando ela me chamou e disse: «Hoje é domingo, em casa comerás carne, mas deixarás um pedaço para o Menino Jesus». Assegurei-lhe que o teria feito. Porém, quando saí da casa de Luísa, esqueci tudo, inclusive a promessa de deixar um pouco de carne ao Menino Jesus.

Salienta-se que naquela época a carne representava uma iguaria especial, que só se comia nas festividades e em porções racionadas.

Comi tranquilamente a carne, esquecendo-me da promessa feita na parte da manhã. Contudo, Luísa não se esqueceu e, assim que cheguei à sua casa à tarde, a primeira coisa que me disse foi: «Esqueceste a promessa feita ao Menino Jesus». Fiquei confuso e não sabia como justificar-me. A tia Rosária tirou-me fora dessa situação desagradável, dizendo: «É pequeno, não pode compreender!». Todavia, percebi que Luísa não ficou satisfeita com aquela resposta gratuita.

#### Profecia

A minha família, que era muito religiosa, desejava que entre nós filhos houvesse um sacerdote, dado que entre os parentes do tronco paterno havia muitos presbíteros e nessa época um primo de minha mãe, Mons. Balducci, era vigário-geral da diocese de Salerno, no tempo do célebre bispo D. Monterisi. Minha mãe entretecia uma permuta epistolar com esse seu primo, que nós não conhecíamos pessoalmente. Recordo-me apenas que minha mãe falava dele com entusiasmo.

Os olhos da família estavam fixos no meu irmão Agostino, rapaz extraordinário, educado, estudioso e reservado: em síntese, o tipo oportuno para empreender a carreira eclesiástica. A tia Rosária sentiu-se muito feliz quando meu irmão expressou o desejo de entrar no seminário; o parecer do nosso pároco, Pe. Cataldo Tota de venerada e santa memória, foi deveras encorajador.

Preparou-se o vestuário e a minha tia cozeu uma sobrepeliz rendada: estava tudo pronto para o ingresso de meu irmão Agostino no Seminário de Bisceglie. Porém, aconteceu um fato inesperado que fez tudo falir, de tal forma que meu irmão deixou de entrar no seminário. A causa de tudo foi o Padre Andrea Bevilacqua, que aconselhou a não mandar ao seminário Agostino, seu aluno no ginásio, mas a esperar que ele terminasse pelo menos a quinta série ginasial; assim, entraria diretamente no Seminário de Molfetta, sem passar pelo Seminário Menor, que o Padre Andrea não considerava à altura de garantir uma formação adequada. A tia Rosária ficou muito contrariada com este fato e, certo dia, lamentou-se com Luísa: «Depois de ter gasto tanto dinheiro, Agostino não entra mais no seminário».

Já precedentemente Luísa ficou em silêncio e indiferente quando se falava deste projeto. Embora Agostino frequentasse assiduamente a sua casa, e embora ela soubesse das suas intenções, Luísa nunca pronunciou sequer uma palavra de encorajamento neste sentido, o que ela fazia com outros jovens que demonstravam o mesmo desejo. Quando a minha tia se lamentou na minha presença, Luísa respondeu: «Rosária, Rosária... queres substituir-te à Vontade de Deus! O Senhor não o quer» e, dirigindo o seu olhar para mim, disse-lhe: «Tem cuidado deste! Porque o Senhor quer este e não aquele». A admiração da tia Rosária foi

grande ao ouvir estas palavras de Luísa, que acrescentou: «Sim, precisamente este que é o rebelde da família!».

### Parte 3

BERNARDINO GIUSEPPE BUCCI

Frade Menor Capuchinho

LUÍSA PICCARRETA

Coletânea de memórias sobre a Serva de Deus

Com efeito, eu gostava de viver na rua. Era muito vivaz e viva circundado de rapazes pobres. Os meus companheiros gazeavam sistematicamente a escola, caminhavam descalços pela rua, emanavam um cheiro de galinhas, ovelhas e coelhos, que criavam nas suas casas. Por isso, também na escola eu rendia pouco e era o desespero da minha família burguesa da classe média (minha mãe era professora e meu pai funcionário municipal).

Não dei muita importância às palavras de Luísa. Eu frequentava ainda a quarta série da escola primária e nessa época havia grandes problemas sociais, a derrocada do fascismo, a ocupação alemã, as aulas eram interrompidas e havia escassez de alimentos. Esqueci-me totalmente das palavras de Luísa. Após a morte de Luísa Piccarreta, ocorrida no dia 4 de março de 1947, a minha tia Rosária meditava frequentemente sobre essas palavras de Luísa e então começou a fixar-me com olhares estranhos, como se quisesse carpir sinais do meu coração.

Sucessivamente, para a grande surpresa de todos, Peppino (meu apelido), o moço mais travesso do bairro da rua Andria, entrou no seminário, não no diocesano mas no Seráfico, dos Frades Menores Capuchinhos de Barletta. Corria o ano de 1948. Tinha transcorrido um ano da morte de Luísa Piccarreta. Considerando o meu caráter, muitos tinham apostado que a minha permanência no seminário duraria muito pouco e que também ali teria criado confusão. Muitas pessoas até mesmo criticaram minha mãe, por ter desgraçadamente permitido o meu ingresso no seminário.

O tempo desmentiu estes prognósticos infaustos e na cidade começou-se a dar crédito às palavras da minha tia Rosária, que com orgulho dizia a todos que Luísa profetizara o meu sacerdócio. Com decisão, a tia Rosária afirmava: «O Peppino chegará a ser um sacerdote. Esta é a Vontade de Deus, expressa pela voz de Luísa».

### O mar borrascoso

Passaram vários anos. Minha mãe e meu pai faleceram prematuramente e a nossa família numerosa desagregou-se. Dos duas irmãs e um irmão que se casaram, uma partiu para Trieste, outra para Bolonha e o terceiro para a Suíça: nossa casa ficou vazia e nela só morava a tia Rosária, por nossa concessão.

Eu já era um estudante de teologia no estudantado de Santa Fara, tendo recebido as ordens menores e o diaconato.

Durante o Verão, todo o estudantado se transferia para o convento de Giovinazzo. A estrutura, quase diante do mar, constituía um lugar ideal para transcorrer um período de férias e era também sede do Seminário Maior. Certo dia de agosto, fomos à praia. O mar estava muito

agitado, quando um estudante imprudente se lançou na água e logo foi arrastado pelas ondas. Eu e outros dois meus companheiros, nadadores experientes, lançamo-nos em socorro do nosso coirmão mas, em virtude da borrasca, também nós fomos investidos pelas vagas, lançados contra os recifes e novamente tragados pela água.

Nesse ínterim, meio aturdido, eu meditava sobre a minha morte e dizia a mim mesmo: «Já não serei um sacerdote!». Então, invoquei Luísa e disse: «Luísa a Santa, ajuda-me!» e abandonei-me sem reagir. A um dado momento, senti que o meu corpo foi agarrado pelas mãos de outros meus coirmãos, que me salvaram antes que as ondas me revolvessem definitivamente.

Saí da água dilacerado e sangrando, mas vivo. Luísa salvou-me juntamente com os outros três estudantes, meus companheiros de desventura.

Na noite seguinte sonhei que Luísa me fixava com os seus dois grandes olhos, impressos na minha memória, sem nada me dizer.

Foi um sonho admoestador ou um delírio? O fato é que nos dias seguintes tive uma febre muito alta, mas depois restabeleci-me da doença.

No dia 14 de março do ano seguinte, 1964, fui ordenado sacerdote pelo então arcebispo de Bari, D. Henrique Nicodemos, na Igreja dos Padres Capuchinhos de Triggiano.

O Frei Giuseppe Bucci, estudante capuchinho (em cima, segundo à esquerda), ao lado do Diretor e os outros estudantes, em uma foto-recordação.

## CAPÍTULO 6

### Profecia da púrpura

Outra personagem muito ligada a Luísa Piccarreta foi o Cardeal Cento, de venerada e santa memória.

O Cardeal cento frequentava a casa de Luísa periodicamente, desde os alvares do seu sacerdócio. A tia Rosária fala-me com frequência do Cardeal Cento e, não obstante já tivesse sido elevado à dignidade cardinalícia, ela continuava a chamar-lhe simplesmente Padre Cento ou Dom Cento.

No início não compreendia que se tratava do Cardeal Cento. Certa vez quando estava em casa, recebi das mãos do carteiro uma missiva com o carimbo do Vaticano e o brasão cardinalício, e só então percebi quem era o Padre Cento, de quem a minha tia falava tanto. Perguntei-lhe por que chamava ao Cardeal com esse nome, e ela respondeu-me: «Eu tinha muita confiança com o Padre Cento, e tratava-o como se fosse meu irmão. Todas as vezes que vinha à casa de Luísa em Corato, era eu que o acompanhava aos vários lugares, desde o arcebispo até ao bispo de Trani, fazendo-lhe ver muitas coisas, as belezas de Corato. Ele era uma pessoa alegre e brincava de bom grado, mas quando celebrava a Missa parecia um anjo. Conheci o Padre Cento desde a minha juventude e, em numerosas ocasiões, comemos juntos na casa de Luísa em companhia de Angelina. O Cardeal Cento entretinha-se muito tempo nas conversas com Luísa. Certa vez, disse-me: "Luísa diz-me sempre que me tingirão de vermelho, mas eu – e dizia-o brincando – procurarei evitar que me vistam para o carnaval". Certo dia vi o Padre Cento com o rosto sisudo; foi a única vez que não brincou e falou pouquíssimo. Foi por ocasião da condenação de Luísa. Apesar da censura do Santo Ofício, o Padre Cento continuou a visitar Luísa, e quando lhe perguntei por que tinha acontecido este desastre, o Padre Cento retorquiu-me com estas palavras secas: "Por favor, Rosária, não fales destas coisas, pois quem

mais sofre somos nós". E após um longo silêncio, acrescentou: "São provações tremendas que o Senhor nos manda"».

Como se sabe da crônica, o Padre Cento foi uma personagem importante na Cúria Romana.

A tia Rosária manteve contatos epistolares com o Cardeal Cento e parece que ele recorreu a toda a sua influência quando se tratou de trasladar o corpo de Luísa do cemitério para a igreja de Santa Maria Grega.

A esta altura, devo confessar uma grave falta: não ter sabido reunir as cartas que o Cardeal Cento enviava à minha tia. Efetivamente, quando da piedosa morte da tia Rosária, os meus sobrinhos desfizeram a casa, livrando-se de todo o material que na sua opinião não tinha qualquer importância, no meio do qual estavam as cartas do Cardeal Cento.

Foi uma grande perda. Essa fonte teria valorizado muito o que expus acima e, além disso, teríamos conhecido o pensamento do Cardeal Cento acerca da figura de Luísa Piccarreta. Dever-se-iam fazer pesquisas nos arquivos de família do Cardeal para recuperar este rico material.

O bispo curado

Corria o ano de 1917. O novo arcebispo de Trani, D. Regime, talvez influenciado por uma parte do clero que não só não dava importância a tudo o que acontecia a Luísa Piccarreta, mas até mesmo manifestava abertamente a própria hostilidade em relação à Serva de Deus, predis pôs um decreto muito rígido no que se refere a Luísa: proibia-se aos sacerdotes aceder à sua casa e ali celebrar a Santa Missa, privilégio concedido a Luísa pelo Papa Leão XIII e confirmado pelo Papa Pio X em 1907.

Esta disposição devia ser lida publicamente em todas as igrejas da diocese.

Eis como aconteceram os fatos (1).

Enquanto estava assinando o «famoso decreto», D. Regime foi imprevistamente atingido por uma paralisia parcial. Quando foi socorrido pelos sacerdotes ali presentes, fez compreender com vários sinais que queria ser levado à casa de Luísa.

Foi assim que a tia Rosária descreveu este episódio singular: «Era por volta das 11 horas, quando ouvimos o ruído de uma carroça que parou em frente do portão da habitação de Luísa. Debrucei-me da varanda para ver quem era e notei três sacerdotes, um dos quais era transportado quase nos braços pelos outros dois. Luísa disse-me: "Abre a porta que o bispo está chegando". Com efeito, à porta estava D. Regime, apoiado por outros dois sacerdotes – provavelmente o vigário e o chanceler da Cúria de Trani. Pronunciando palavras incompreensíveis, o bispo foi imediatamente acompanhado ao pequeno quarto de Luísa. Era a primeira vez que ele ia à casa da Serva de Deus que, assim que o viu, lhe disse: "Excelência, abençoe-me". O bispo ergueu o braço, como se nada tivesse acontecido antes, e abençoou-a. Estava completamente curado!

D. Regime permaneceu no quarto de Luísa, em colóquio secreto, por cerca de duas horas e, para a admiração de todos, especialmente dos sacerdotes ali presentes, saiu do quarto com um sorriso nos lábios. Abençoou os presentes e foi embora».

Procurou-se manter segredo sobre esse caso, e assim foi para o público em geral. Enquanto estava em Trani, D. Regime visitou periodicamente Luísa Piccarreta, com quem se entretinha

em diálogos espirituais. No clero, este episódio suscitou um sacro temor, e o santo confessor de Luísa, Pe. Gennaro di Gennaro, pôde continuar o seu ministério com mais serenidade. Após este acontecimento, também Aníbal Maria di Francia intensificou as suas visitas à Serva de Deus.

#### Nota do capítulo 7

1) O episódio foi-me narrado pela minha tia Rosária e confirmado pelo meu pároco, Pe. Cataldo Tota, pela senhora Mangione e pela então ministra da Ordem Terceira Dominicana, senhora Lina Petrone.

Certo dia, enquanto falava com alguns fiéis (demasiado zelosos) de Luísa a Santa, o Pe. Cataldo proferiu as seguintes palavras: «Com os santos é necessário brincar pouco, se não pode-se incorrer em uma desgraça. Os santos são de Deus, não dos homens. Por isso, prestai atenção a fim de que não vos aconteça o que ocorreu com D. Regime, que teve demasiada pressa em colocar a famosa assinatura».

#### CAPÍTULO 7

##### Luísa e as crianças de Corato

Em Corato vociferava-se entre as mulheres idosas, também durante a minha infância, que quando Luísa saía de casa de noite, em carroças fechadas de maneira que não pudesse ser vista, os jovens de Corato correndo à frente da carroça gritavam: «Luísa a Santa está passando!». Luísa só saía à noite por disposição da autoridade eclesiástica, a fim de se evitarem aglomerações e cenas de fanatismo. Pelo menos uma vez por ano – geralmente durante o Verão – Luísa era levada para outra casa, para poder-se efetuar as limpezas extraordinárias: pintura dos ambientes com cal branca, mudança da palha dos enxergões, ou do algodão que se lavava e amaciava.

Nestas circunstâncias, havia uma competição entre as muitas famílias abastadas de Corato que queriam hospedar Luísa. Entre elas estavam as famílias Capano, Cimadomo, Padroni Griffi, Azzariti e outras, que enviavam a própria carroça para apanhá-la. Durante a viagem secreta, acontecia que as crianças de Corato, tomadas de inspiração, se reuniam e gritavam pelas ruas a notícia da passagem de Luísa, dizendo: «Saíam todos, Luísa a Santa está passando!», e todos saíam à porta da própria casa com as lanternas acesas.

Certo dia, descobri que também meu pai tinha participado nessas reuniões noturnas, juntamente com outros jovens da cidade, por ocasião da passagem de Luísa. Quando eu já era grande, estudante capuchinho, perguntei-lhe: «Alguém avisava da sua passagem?». Ele respondeu-me: «Não, sentíamos algo dentro de nós e compreendíamos que teria passado a carroça de Luísa».

##### O soldado fracassado

Em virtude de várias vicissitudes acontecidas com o passar do tempo e dos reveses financeiros, a nossa família deixou de ser abastada e faltou pouco para tocarmos o nível da indigência. Pelas várias desgraças que se abateram contra a nossa família (a morte de duas irmãs da minha tia e a paralisia parcial de seu pai, o irmão maior que emigrou para a Argentina em busca de fortuna), toda a propriedade foi vendida ou hipotecada.

Só ficou o pequenino irmão Francesco para poder administrar o patrimônio, constituído de um forno à lenha, suficiente para restabelecer a sorte da família.

Entretanto, começou a primeira guerra mundial e Francesco foi chamado às armas.

A mãe da tia pedia à filha que falasse com Luísa, porque só ela podia encontrar uma solução para a situação da família. Mas a tia Rosária fingia que não ouvia, até que certo dia sua mãe, usando expressões fortes, lhe disse: «Se hoje não falares com Luísa, a partir de amanhã não irás mais ter com ela e ficarás em casa a fazer os serviços domésticos».

Assim que foi à casa de Luísa, com o rosto amuado, a tia Rosária foi chamada por ela, que lhe disse: «Por que não me dizes nada? Há bastante tempo que sei tudo. Diz à tua mãe que Francesco não partirá». E assim aconteceu...

No dia em que meu pai devia apresentar-se para o serviço militar, o seu pescoço inchou de maneira enorme, sem que ele sentisse qualquer dor, a ponto de se considerar o adiamento da inspeção militar. No itinerário de regresso a casa, o inchaço desapareceu. Este mesmo fenômeno verificou-se por três anos, até que ele foi dispensado.

Isto foi confirmado pelo meu pai que, no seu dialeto de Corato, dizia: «Ched femn ma fatt' vdai caus nov» («Aquela mulher fez-me ver coisas novas») e com gestos e palavras explicava-me o que tinha acontecido.

Com efeito, administrando o trabalho do forno, meu pai conseguiu restabelecer pelo menos em parte a sorte financeira da família.

A criança ressuscitada

Este fato estrepitoso foi-me narrado por uma senhora muito idosa e coetânea da tia Rosária, Benta Mangione, que também fazia parte do grupo de moças que frequentavam Luísa para aprender a bordar.

Eis a sua narração: «Certa manhã de um de dia de 1920-1921, enquanto eu estava na casa de Luísa depois de ter assistido à Santa Missa celebrada pelo seu confessor, Pe. Gennaro di Gennaro, entrou no pequeno quarto da Serva de Deus uma jovem totalmente alterada que, com gritos de desespero, apoiou sobre o colo de Luísa o seu filhinho morto e ajoelhou-se ao lado da sua cabeceira, chorando desesperadamente. Todos ficaram estupefatos e Rosária procurava levantar essa mulher. Do modo que lhe falou, compreendi que era uma sua parente. Luísa não ficou incomodada com essa cena e, enquanto acariciava o bebê que estava no seu colo, disse à sua mãe: "O que fazer, Serafina? Toma Luigi e dá-lhe de mamar, porque ele tem fome!", e depositou-o nos braços da mulher».

Então, a tia Rosária convidou a mulher a sair do quarto e voltar para casa. A jovem obedeceu prontamente.

A senhora Mangione e todos aqueles que se estavam no quarto tiveram a sensação que a criança tinha ressuscitado. Porém, consciente de que Luísa não queria que se difundissem determinadas coisas, não falaram com ninguém sobre este acontecimento.

Rosária fechou as pequenas cortinas da cama de Luísa e pediu que todos saíssem, dizendo que Luísa devia recitar a ação de graças pela comunhão, que acabara de receber.

Nem sequer o seu confessor proferiu uma palavra, mas foi logo embora, juntamente com a mãe do bebê.



Alguns dias depois deste episódio, a tia Rosária disse à Angelina: «Aqueles dois – referindo-se ao irmão e à cunhada, que eram jovens esposos – devem deixar de ir ao teatro, se não ambos terminarão na cadeia».

Eis como se desenrolaram os fatos que levaram à presumível morte do recém-nascido.

Os jovens esposos, Francesco Bucci e Serafina Garofalo, eram apaixonados pelo teatro, que frequentavam assiduamente. Nasceu-lhes um filho, a quem deram o nome de Luís. Certa noite, no teatro de Corato, representavam uma ópera de Verdi, parece-me que era Rigoletto. A tentação foi tão forte que os dois colocaram o bebê no berço e foram ao teatro. Quando voltaram para casa – era quase no alvorecer do dia – encontraram a criança que se tinha virado no berço e se tinha sufocado. Tomados de pânico, o pai Francesco fugiu de Corato, enquanto que a mãe Serafina, desesperada, envolveu o bebê em uma coberta e levou-o a Luísa. Na nossa família nunca se falou deste episódio. Somente uma vez minha mãe, Serafina Garofalo, falou de uma criança ressuscitada mas, talvez persuadida por um escrúpulo de culpa, não falou de quem se tratava.

O que posso testemunhar é que minha mãe estava unida intimamente ao seu primogênito e nutria uma grande veneração por Luísa a Santa, a ponto de nos falar muito frequentemente dela. Também meu irmão Luigi alimentava a mesma veneração por Luísa. De fato, depois da condenação de 1938, a tia Rosária veio à nossa casa e quis queimar todos os objetos pertencentes a Luísa, mas meu irmão, que então tinha 18 anos e estava prestes a partir para o serviço militar, opôs-se com todas as suas forças. E quando lhe disseram que quem não obedece à Igreja vai para o Inferno, ele respondeu: «Vou para o Inferno, mas estas coisas não devem ser queimadas» e, por precaução, voltou a colocar todos os objetos pertencentes a Luísa em um pequeno receptáculo e levou-os consigo.

Hoje estes objetos estão com a minha cunhada, Rita Tarantino, e com os seus filhos, que os conservam ciosamente.

Isa Bucci e Luísa Piccarreta

A casa de Luísa era frequentada pelas minhas irmãs Luísa, Maria e Gemma, pelos meus irmãos Agostino, Luigi e o mais pequeno da família, Giuseppe, chamado Peppino.

Todos prestaram testemunho escrito de Luísa Piccarreta mas, por um certo sentido de pudor, limitaram-se ao essencial. De fato, conheço outros acontecimentos que se narravam no âmbito da família.

Minha irmã maior, Luísa, era quem mais frequentava a Serva de Deus, não como aprendiz mas como sobrinha da tia Rosária. Em várias ocasiões, ela ajudava a Angelina e a tia Rosária nos afazeres domésticos e com Luísa tinha um relacionamento de grande familiaridade. Com efeito, foi ela que assistiu Luísa de noite, durante a sua última enfermidade. Quando o médico garantiu que Luísa estava morta, foi ela que tomou a iniciativa de despojá-la, de revesti-la e de procurar estendê-la na cama.

Os cônjuges Francesco Bucci e Serafina Garofalo.

Eis o que ela disse, quando voltou para casa:

«Quando Luísa faleceu, criou-se um clima misto de veneração e de temor. Ninguém ousava tocá-la. A tia Rosária e a Angelina choravam e foram afastadas do quarto de Luísa. Procurei estendê-la na cama, mas a tentativa resultou impossível. De fato, ou levantava as pernas ou

abria a boca, como se quisesse dizer: "Deixem-me estar!". Então, propus às presentes, entre as quais estava a sua sobrinha Giuseppina, de mudá-la imediatamente, antes que se enrijecesse. E assim procuramos fazer. Então, transportamo-la para o quarto adjacente, onde se preparou uma espécie de catafalco inteiramente branco. O que mais me admirou foi quando a transportávamos, pois tive a impressão que Luísa não pesava nada. Daqui compreendi como a tia Rosária muitas vezes a punha na cadeira de rodas, quando lhe arrumava a cama. No peito de Luísa foi colocado uma espécie de babadouro com a escrita FIAT e a cruz das terciárias dominicanas».

A camisa que tiraram de Luísa foi dobrada pela minha irmã e levada à Tia Rosária, que lhe disse: «Leva-a para casa». Hoje, esta camisa é conservada pela minha irmã Gemma.

A cruz das terciárias dominicanas, que Luísa vestia no leito de morte, e tirada do cadáver de Luísa no dia da sepultura, a tia Rosária sempre a trouxe consigo e hoje sou eu que a conservo ciosamente.

A cruz das terciárias dominicanas que pertenceu a Luísa Piccarreta, hoje conservada pelo Pe. Bernardino.

Gemma Bucci e Luísa Piccarreta

Quando éramos crianças, todos nós frequentávamos a casa de Luísa, de maneira especial as minhas irmãs, que também iam ter com ela para aprender os rudimentos do bordado. Minha irmã Gemma tinha quase a mesma idade minha e de bom grado ia com a minha tia Rosária quase todos os dias à casa de Luísa Piccarreta. Gemma era uma menina magra e franzina, muito querida à tia Rosária e a Luísa. Com efeito, ela recebeu o nome de Gemma precisamente de Luísa, que além disso sugeriu aos meus pais que me chamassem Giuseppe e fez mudar o nome o nome de minha de Giuseppina e Gemma. E foi assim que se fez: a mm deram o nome do pai terrestre de Jesus; e minha irmã, da idade de dois anos, foi sempre chamada com o nome de Gemma, embora não tenha sido possível mudar este dado no registro civil, em virtude das complicações burocráticas.

com muita confiança, Gemma entrava e saía do quarto de Luísa com muita confiança. Ela apreciava a sua vivacidade e dava-lhe a tarefa de reunir os alfinetes que caíam no chão. Certa vez, a pequena Gemma escondeu-se debaixo da cama de Luísa, talvez para fazer uma surpresa à tia Rosária, e foi testemunha involuntária de um fenômeno místico. Luísa tinha ao lado do seu leito uma pequena mesa de cabeceira, na qual havia um sino de vidro e dentro o Menino Jesus.

Em um certo momento, minha irmã percebeu algo de insólito: criou-se um grande silêncio e não se ouvia nem sequer a vozeria das moças que trabalhavam no quarto adjacente. Então, Gemma saiu de baixo da cama e viu o Menino que se tinha animado e estava nos braços de Luísa, que o beijava incessantemente. Gemma não se recorda quanto tempo esteve imóvel, contemplando esta cena; recorda apenas que, a um certa altura, sem que percebesse nada de estranho, tudo voltou à normalidade. A tia Rosária entrou como de costume no pequeno quarto e Luísa trabalhava com o seu bordado, como era o seu hábito. Este episódio nunca me foi revelado pela minha irmã durante a sua infância.

Ela conservou ciosamente no seu coração este acontecimento. Só tomei conhecimento deste evento mais tarde, depois do seu testemunho (agora, as atas) prestado durante o processo

diocesano de canonização. Julgo que a assistência de Luísa a minha irmã Gemma foi contínua. A propósito, fui testemunha de uma graça especial.

Quando lhe nasceu o segundo filho, devido à inexperiência do médico e dos seus assistentes, minha irmã correu o risco de morrer. De fato, durante o parto dilacerou-se o útero, provocando uma hemorragia terrível. O médico saiu da sala operatória e dirigiu aos familiares estas palavras assustadoras: «Salvamos a criança, mas no que se refere à mãe, não há mais nada a fazer». Enquanto os outros desataram em lágrimas, veio-me à mente a camisa de Luísa. Fui imediatamente à casa paterna em Corato. Acordei a tia Rosária no meio da noite e contei-lhe o que acontecia; então, pedi-lhe a camisa que ela, chorando, tirou para fora da cômoda. Voltamos juntos ao hospital de Bisceglie e recomendamos a uma enfermeira que pusesse a camisa debaixo da cabeça de Gemma, o que se fez com extrema prontidão. O médico-chefe já tinha ido embora mas logo em seguida vimos o seu assistente, que nos disse: «Se me autorizam, opero-a imediatamente». O consentimento foi concedido, embora o marido de Gemma tenha dito: «Se está inconsciente, opera-a; caso contrário, é inútil fazê-la sofrer mais ainda».

Chegou um amigo do meu cunhado, enfermeiro no hospital psiquiátrico de Bisceglie, que se dispôs a doar seis litros de sangue necessários para a transfusão. A operação obteve resultados positivos e Gemma salvou-se. A tia Rosária viu neste episódio a mão de Luísa.

Eis a narração de Gemma: «Enquanto o médico me operava, vi Luísa perto da minha cama e tinha nos braços o Menino, que me disse: "Isto é para o Paraíso; quanto a ti, tu viverás por muito tempo". E não sei como, mas eu estava consciente de que debaixo da minha cabeça se encontrava a caminha de Luísa"». No dia seguinte, misteriosamente, o recém-nascido adoeceu de bronquite aguda e, assim que o batizei, faleceu.

Toda a minha família considerou este episódio um verdadeiro e próprio milagre. Infelizmente, nessa época ainda não se pensava no processo de canonização e, por conseguinte, não se pensou em recolher os testemunhos do cirurgião e dos enfermeiros, que também estavam convencidos de que minha irmã só se salvou por um milagre, uma vez que o seu caso clínico era singular e inexplicável.

D. Giuseppe Bianchi Dottula, arcebispo de Trani, o primeiro a interessar-se pela Serva de Deus Luísa Piccarreta.

Federico Abresch, terciário franciscano. Por vontade do Padre Pio de Pietrelcina, ele foi o primeiro apóstolo da Vontade Divina em São João Redondo, além de divulgador dos escritos de Luísa Piccarreta.

## CAPÍTULO 8

### Uma cura

Uma vizinha de casa narrou um episódio que teve lugar em 1935.

A sua cunhada estava morrendo devido a um tumor na cabeça.

Na sua casa ficara somente uma filha, Nunzia, porque o pai e os dois irmãos tinham sido chamados às armas para a conquista da Etiópia.

Essa família possuía muitos hectares de terra.

A moça apelou à tia Rosária para ter um diálogo com Luísa, alimentando no coração a esperança da cura.

Comovida pelo pedido da jovem, a tia Rosária prometeu ajudá-la e falou sobre esse assunto a Luísa, que então pronunciou estas palavras: «Não deve vir à minha procura, porque não sou capaz de fazer milagres; e se ela não vier, rezarei de igual forma ao Senhor em seu favor. Entretanto, transmite-lhe esta mensagem: na igreja de Santa Maria Grega celebra-se o "Lausperene". Que vá rezar ao Senhor a quem poderá pedir todas as graças de que tem necessidade, mas diz-lhe que o faça com grande fé».

Quando recebeu a mensagem, a moça ficou decepcionada. Agradar-lhe-ia ter encontrado diretamente Luísa para expor-lhe os seus problemas.

A tia Rosária percebeu a atitude da jovem e disse-lhe: «Faz o que Luísa te disse!». Com efeito, tia Rosária conhecia Luísa muito bem e sabia interpretar as suas palavras.

A jovem foi à igreja, ajoelhou-se diante do Santíssimo e desabafou livremente toda a sua dor.

Depois de cerca de duas horas voltou para casa e notou um grande silêncio. Na sua ausência, uma parente que ela tinha deixado em casa para assistir a mãe, afastara-se.

Nunzia entrou no quarto de dormir e viu uma cena terrificante: sua mãe encontrava-se imersa em um lago de sangue, que tinha impregnado completamente a cama.

Diante deste espetáculo, a pobre moça lançou um brado de dor, pensando que ela estivesse morta; mas aconteceu algo incrível. Sua mãe levantou-se como que de uma prolongada letargia, perguntando admirada o motivo daquele grito.

O tumor liquefez-se, saindo da cabeça inchada através do nariz, espalhando-se sobre a cama.

Ela estava perfeitamente curada.

Alguns dias depois, Nunzia e sua mãe foram visitar Luísa para agradecer-lhe, mas não foram recebidas, porque a Serva de Deus mandou dizer que nada sabia dessa graça e nada tinha a ver com esse caso, expressando-se com estas palavras: «Que vão agradecer ao Senhor a graça recebida!» (1).

### O capricho dos cavalos

Em 1970, quando eu era vice-pároco da paróquia da Imaculada em Barletta, além de assistente local e regional da Juventude Franciscana, depois da Missa dominical das 10 horas dedicada aos jovens, enquanto me despojava dos paramentos sagrados, a senhora Lívia D'Adduzzio entrou na sacristia. Após me ter ouvido falar de Luísa Piccarreta durante uma homilia, disse-me que era de Corato e que a tinha conhecido quando era jovem.

Prestei muita atenção às palavras da senhora D'Adduzzio, terciária franciscana, e assídua frequentadora da paróquia.

Ela era a esposa de Savino D'Adduzzio, um grande benfeitor do convento: foi ele que financiou os grafites do Padre Ugolino de Belluno, realizados no santuário.

A família D'Adduzzio era bastante rica e possuía muitos terrenos, mas os cônjuges Savino e Lívia não tinham filhos.

Marquei um encontro com a senhora D'Adduzzio para juntos registrarmos as suas recordações da Serva de Deus. No dia seguinte, às nove horas da manhã, fui à casa D'Adduzzio que se situava na rua Milano, a cerca de 50 metros da paróquia.

A senhora D'Adduzzio era bem informada sobre a vida e os fenômenos concernentes à figura de Luísa, alguns dos quais eu ignorava completamente. Disse-me também que conhecia bem a tia Rosária e a Angelina, irmã de Luísa, e que também assistira ao funeral da Serva de Deus.

Entre as inúmeras coisas que narrou, falando com entusiasmo, chamou a minha viva atenção para o fenômeno dos cavalos, que eu desconhecia. Pedi que me repetisse várias vezes o episódio e tomei apontamentos.

Eis o seu testemunho: «Em 1915 eu era uma menina de dez anos e estava com minha mãe em Santa Maria Grega, onde solenemente se oficiam os santos "Lausperenes". Enquanto escutávamos a reflexão eucarística do sacerdote, sentimos uma confusão que vinha de fora da igreja, palavras e gritos de um homem que dizia: «iá, iá», e ruído de chicotadas.

Todos os meninos que se encontravam na igreja, curiosos, saíram de repente, seguidos pelo sacerdote e por alguns fiéis. Observamos dois cavalos ajoelhados diante da igreja, ligados a uma carroça fechada.

O sacerdote compreendeu imediatamente de que se tratava e, ajoelhando-se, disse: "É Luísa a Santa que está adorando Jesus Eucarístico!".

Todos nos ajoelhamos em grande silêncio e, depois de algum tempo, o sacerdote abriu a porta da carroça e disse algumas palavras a Luísa; em seguida, prontamente os cavalos levantaram-se e partiram.

Todos nós voltamos para dentro da igreja e continuamos a escutar a meditação do presbítero».

Depois do resumo, dirigi-lhe algumas perguntas: «Está certa de que nessa carroça estava precisamente Luísa? Daquilo que sei, Luísa nunca saía de casa».

«Isto é verdade – respondeu-me – as suas saídas eram raríssimas e noturnas, motivadas unicamente por fatores higiênicos, para eliminar os parasitas dos colchões de palha ou de lã, de forma especial dos as pulgas e os percevejos, comuns no ambiente campestre».

«Como pode afirmar que os cavalos se ajoelharam para dar a Luísa a possibilidade de adorar Jesus Eucarístico?».

«Só posso dizer que todos acreditaram em um milagre e que o fenômeno foi objeto de debates em toda Corato. Certamente, havia muitos que não acreditavam, de modo especial os sacerdotes, os quais pregavam que Luísa nada tinha a ver com isto, que se tratava apenas de um capricho dos cavalos, que por acaso tinham parado diante da igreja de Santa Maria Grega, negando que nessa carroça estivesse Luísa».

Fiz-lhe a última pergunta: «Está certa de que Luísa estava dentro dessa carroça?». «Certíssima – respondeu-me. Vi Luísa na carroça quando o sacerdote abriu a porta e lhe falou. Parece-me que o sacerdote era o Pe. Gennaro di Gennaro».

«Mas era o confessor de Luísa, delegado pelo bispo?», respondi-lhe.

«Não sei, mas só posso afirmar que era um santo sacerdote, estimado em toda Corato e tinha recebido uma graça de Luísa».

Com estas palavras terminou o colóquio com a senhora D'Adduzzio (2).

O cenáculo da rua Panseri

Corriam os anos de 1943-1944. Na rua Panseri, minha família tinha um forno que rendia muito bem.

Ao lado do forno morava a tia Nunzia, irmã de minha mãe que, tendo ficado viúva, voltou a casar-se com um camponês viúvo, a quem chamávamos zi' Ciccil. Diante da casa da tia morava uma família muito pobre e numerosa; o seu patrimônio era constituído unicamente de uma vaca. Eles viviam do lucro da venda do leite e de algumas atividades, como pequenos furtos e outras coisas análogas.

A mãe de família chamava-se Maria, que todos denominavam Mariazinha, a vaqueira.

Porém, esta família havia algo de especial: na sua casa reuniam-se os habitantes da rua e, em redor de um grande fogo, convidavam um velho cego que, tocando o seu mandolim, cantava episódios que caracterizavam os acontecimentos antigos e recentes da cidade. Cantando, ele encantava todos: é uma pena que nessa época não existissem gravadores, de forma a poder reunir todas as suas composições musicais.

Enquanto cantava, a pedido narrava fatos realmente acontecidos.

Era um rapsodo, um Homero em miniatura. As suas belíssimas narrações iam de temas religiosos a trágicos, de exemplares a heróicos, como a descrição de uma mãe que aceitou morrer para salvar o filho perseguido pelos garibaldinos.

Eu, que nessa época era um menino de 9-10 anos, gostava de frequentar esse cenáculo em companhia da tia Nunzia. Recordo que me sentava no colo do filho mais velho de Mariazinha, chamado Pascoal.

Em uma noite muito fria, o cego decantou as gestas de Luísa a Santa, descrevendo-a como uma grande heroína, suspensa entre o céu e a terra, entre os anjos e os santos. Dois episódios impressionaram-me de maneira particular: Jesus que lhe falava enquanto carregava a cruz nas costas e o episódio da «Torre Desesperada», onde o Menino brincava e corria no meio dos campos de trigo, de mãos dadas com a pequenina (a franzina Luísa).

Quando narrei estes episódios em casa, minha mãe proibiu-me de frequentar aquela família e repreendeu também a tia Nunzia.

Quando ouvia coisas semelhantes sobre Luísa, a tia Rosária perturbava-se grandemente e pedia ao meu pai que chamasse a atenção do velho cantor cego a fim de que cancelasse Luísa a Santa do seu repertório.

Para a minha tia, tudo isto constituía uma profanação.

Quando cresci, pensei muitas vezes nesse velho cego: se tivéssemos a possibilidade de gravar todas as suas composições musicais a respeito de Luísa, talvez pudéssemos ter um inteiro poema sobre a Serva de Deus. Uma coisa é certa: Luísa impressionou tão fortemente o ambiente de Corato a ponto de ser considerada uma heroína de santidade.

O cavalo curado

Em Corato, especialmente nas noites de Inverno, as famílias reuniam-se geralmente em uma mesma casa em redor do fogo e era muito lindo ouvir tudo o que os anciãos narravam. Entre os episódios antigos e novos que se narravam da cidade havia muitos cujo objeto era Luísa a Santa.

Foi precisamente durante um destes cenáculos populares que ouvi o episódio do cavalo. Um homem muito idoso, quase centenário, narrava o episódio do cavalo em dialeto de Corato nessa época ainda puro, com palavras cheias de vida e com gestos significativos.

Eis a sua narração:

«Quando eu era criança, morava na rua Murge, perto da casa de Luísa a Santa. Eu era um jovenzinho em língua vernácula, "carusiddu" – quando à sua pobre família aconteceu uma desgraça: certa manhã encontraram o seu cavalo moribundo no chão da estrebaria. Chamaram o veterinário, que aconselhou ao pai de Luísa a vender imediatamente o cavalo ao açougueiro para obter pelo menos um pequeno lucro, dado que o pobre animal tinha pouco tempo de vida.

Esta notícia provocou uma grande angústia em toda a família Piccarreta, pois o cavalo representava um meio necessário para o seu sustento.

A família Piccarreta não era rica; a sua renda era constituída unicamente do trabalho do pai. Quando ouviu esta notícia, o compadre Nicola disse com grande dor: "E agora como continuaremos? E – referindo-se às filhas, perguntou-se - quem dará de comer a estas cinco meninas?".

Toda a família e a vizinhança estavam na estrebaria, exceto Luísa, que nessa época tinha quatro anos de idade e tinha uma grande afeição pelo cavalo. Sua mãe não permitiu que Luísa descesse à estrebaria, para não sentir dor.

Toda a família morava em alguns ambientes reservados do edifício dos senhores dos quais o pai era empregado e para os quais trabalhava na fazenda de Torre Desesperada.

Mas a criança – em língua vernácula, "mnen" – tanto insistiu que enfim desceu até à estrebaria.

A esta cena assisti pessoalmente.

Luísa aproximou-se do cavalo, acariciou-o na cabeça, chamou-o pelo nome e disse: "Não morras, porque te quero bem".

Ao ouvir estas palavras, o cavalo levantou-se prontamente.

O veterinário constatou que a febre desapareceu e o cavalo voltou a ser sadio como um "peixe".

A mãe Rosa tomou a filha nos braços e disse: "Minha filha", e levou-a embora.

Todos ficaram surpresos diante de um fato deste tipo e, durante algum tempo no bairro da rua Murge não se falava senão do cavalo curado. Nessa ocasião, uma senhora idosa disse: "Sobre essa criança está o dedo de Deus, e toda Corato ficará encantada pelas coisas que acontecerão"».

Assim terminou a narração do velhinho quase centenário.

O soldado noivo

Uma senhora muito idosa, que se chamava Maria Doria e era minha conhecida, narrava que sua mãe, coetânea de Luísa, durante o Verão ia à região de Torre Desesperada, a uma fazenda próxima daquela em que morava a família Piccarreta.

Esta senhora conhecia perfeitamente os fenômenos que diziam respeito à pequena Luísa Piccarreta, episódios estes ricos de pormenores, que lhe eram narrados pela sua mãe.

Quando era criança, sua mãe entretia-se e brincava com Luísa e as suas irmãs, as amigas mas íntimas.

Muitas vezes observavam que Luísa brincava com um rapaz desconhecido.

No início pensavam que viesse de um povoado vizinho.

O caso singular era que brincava e falava somente com Luísa e em um determinado momento ia embora.

As irmãs e as amigas perguntavam-lhe quem era esse rapaz.

Parte 4 (final)

BERNARDINO GIUSEPPE BUCCI

Frade Menor Capuchinho

LUÍSA PICCARRETA

Coletânea de memórias sobre a Serva de Deus

Risonha, ela não dava qualquer resposta. Contudo, certa vez disse: «Sim», respondendo à pergunta marota: «É o teu noivo?».

Com o passar do tempo, compreenderam que se achavam diante de um fenômeno sobrenatural: tratava-se verdadeiramente do Menino Jesus, que se manifestava sob as aparências de um adolescente. O fenômeno verificava-se cada vez que Luísa era assaltada pelas forças diabólicas.

A aparição de Jesus era a consolação para aquilo que sofrera. Certa vez, ela encontrou-se entrelaçada como uma espiral entre as barras de ferro da sua cama e foi necessária a intervenção do ferreiro para libertá-la.

A maravilha foi que o seu corpo ficou ileso.

Em outra ocasião, encontraram-na na abóbada do quarto, suspensa em um gancho onde geralmente se dependuravam os abastecimentos alimentares.

Luísa era normalmente liberada destes fenômenos com orações dirigidas à santíssima Virgem, encontrando refúgio em uma cavidade de um grande tronco de uma amoreira, ainda hoje existente nessa mesma localidade.

Outra vez, de uma pequena colina próxima da fazenda, viram levantar-se uma grande chama e, dado que Luísa gostava de brincar naquela colina, sua mãe e seu pai acorreram



imediatamente ali para apagar o fogo. Foi uma corrida inútil: Luísa estava tranquilamente sentada em cima de uma rocha voltada para o alto, sem qualquer vestígio de fogo ao redor da sua pessoa.

Numerosas vezes Luísa punha-se a contemplar o sol, em pleno meio-dia, sem que os seus olhos sofressem qualquer dano. A tia Rosária confidenciou-me que este foi um fenômeno que durou até à sua morte. Com efeito, dos seus escritos podemos observar que o sol era um astro privilegiado para Luísa. Ela relacionava-o à Santíssima Trindade.

Os anos passavam, Luísa já era famosa em toda Corato e encontrávamos em plena guerra mundial. O irmão soldado da senhora Maria Doria anunciava, com uma carta enviada da Sicília, que se tinha noivado com uma moça dessa ilha.

Sua mãe ficou muito desgostada, porque o filho já era noivo de uma moça rica de Corato, um «bom partido». Era um noivado contratado pelos pais, como se costumava fazer nessa época. A Sua mãe chorava e exclamava: «Meu pobre filho, foi enfeitado, a máfia entrou na minha casa!». Naquele tempo, na Sicília enfurecia um bandido chamado Giuliani.

Certo dia, ela pediu à sua filha maior que fosse à casa de Luísa, lhe dissesse que é filha da sua amiga de infância e prestasse atenção as palavras que lhe reservaria.

A jovem foi à casa de Luísa, na rua Madalena; levou os cumprimentos de sua mãe, muito apreciados por Luísa, e a conversa terminou no período em que estavam nas fazendas de Torre Desesperada. Luísa acrescentou: «Quantas orações e mortificações ocorreram nesses lugares!». Agradecendo à moça a cortesia, Luísa disse que transmitisse à mãe o pedido de rezar muito, como se fazia quando estavam na fazenda, e de realizar todos os exercícios de caridade que nunca deviam ser esquecidos, a fim de que se cumprisse a Vontade de Deus.

E de repente, olhando-a, disse: «Mas por que estás triste?». E a jovem contou o caso do irmão e as preocupações da mãe.

Então, Luísa disse-lhe: «Como pode dizer que essa moça é pior que a primeira? Que ela reze ao Senhor e o seu coração será consolado».

A jovem levou a resposta de Luísa à mãe, que exclamou: «Meu filho está salvo!». Com efeito, comunicaram-lhe que a moça siciliana era de boa família, muito religiosa e na sua família havia até mesmos alguns tios sacerdotes.

Em seguida, o jovem casou-se nessa ilha e formou uma família, dando assim felicidade à mãe.

#### Nota do Capítulo 8

1) Reuni muitas outras narrações de cura, mas não considerei oportuno publicá-las, porque não existem documentos que comprovem os fatos. Alguns tiveram lugar durante a vida de Luísa e outros depois da sua morte. Poderiam fazer parte da coletânea geral de memórias. Por autorização do venerado arcebispo D. Giuseppe Carata, muitos episódios recolhidos sob juramento e assinados agora são conservados no arquivo da causa de beatificação da Serva de Deus, Luísa Piccarreta. Pensei em publicar o supramencionado milagre, porque me parece o mais autêntico e também distante no tempo, que dificilmente pode ser interpretado em sentido equivocado. De resto, recorde-se que este episódio não entrou na lenda, porque só o ouvi ser confirmado pela minha tia, com uma linguagem concisa e desapegada.

2) O Pe. Gennaro di Gennaro foi o confessor que obrigou Luísa a escrever as suas experiências quotidianas. Era um sacerdote de vida santíssima, que os habitantes de Corato consideravam santo. Possuía um grave defeito de pronúncia que a um certo ponto desapareceu: Luísa obteve do Senhor a sua cura, a fim de que o seu santo confessor pudesse pronunciar dignamente a Palavra de Deus.

## CAPÍTULO 9

### Luísa, terror dos poderes diabólicos

Lendo a autobiografia de Luísa, é fácil observar que nos primeiros tempos ela teve que enfrentar lutas tremendas contra forças diabólicas, que não pouparam sequer o seu corpo. A uma certa altura - nos seus escritos - lêem-se estas palavras: «Toquei-te, não te fiz imaculada porque já não me devo encarnar, mas tirei-te a causa do pecado». É o Senhor Jesus que as pronuncia. Para quem pensa que compreende o alcance destas asserções, é fácil que teologicamente sinta que está próximo de algo incrível. Poder-se-ia gritar ao escândalo e estigmatizar tudo isto como heresia. Não pretendo tratar aqui esta questão; os tribunais eclesiásticos terão todo o tempo para examiná-la e julgá-la. Uma coisa é certa: que em um determinado ponto da sua vida, Luísa adquire uma paz interior, uma calma serena que se projetava a partir de fora e impressionava quem tinha a sorte de a conhecer e de lhe falar. Tudo podia acontecer em seu redor, sem jamais a poder ferir. Quando foi condenada pelo Santo Ofício em 1938, todos se assustaram e se agitaram, tanto os clérigos como os fiéis em geral; parecia que um terremoto tivesse atingido e feito ruir um grande edifício, mas Luísa permaneceu calma como sempre, serena como se o caso não lhe interessasse. Submeteu-se docilmente à vontade da Igreja, entregou ao encarregado do Santo Ofício todos os seus manuscritos e continuou a sua vida plácida e tranquila, em oração, prosseguindo o seu trabalho de renda.

Portanto, Luísa parece ter sido confirmada na graça e por isso tornou-se o assombro dos demônios que diante dela fugiam ruidosamente. Alguns episódios parecem confirmá-lo.

Narra-se que quando Luísa passava por alguma parte – quando era transportada para as limpezas anuais, em uma carroça fechada – algumas casas tremiam inteiramente e ouviam-se gritos e ruídos de correntes e de pessoas que escapavam. Isto acontecia de maneira especial em um edifício que ainda se encontra em fase de reestruturação na praça do mercado de Corato. Com efeito, narra-se que nesse prédio aconteceram coisas horrendas, como mortes, forcas, torturas, etc.

Uma senhora disse que foi morar em uma casa de Rotondella, na província de Matera, onde recebera o cargo de professora de escola primária. Porém, nessa casa não se sentia absolutamente à vontade porque muitas vezes em casa encontrava um homem de aspecto horrível que procurava agarrá-la, mas a senhora defendia-se mostrando-lhe o rosário nas mãos; diante desta visão, o homem fugia. Assustada, a senhora abandonou tudo e regressou a Corato com os seus filhos. Ninguém acreditou na pobrezinha, e muitos a consideravam louca, sobretudo o seu marido que era um homem de idéias maçônicas. Não sabendo o que fazer, a senhora foi visitar Luísa, que benignamente a ouviu e confortou, disse que não tivesse medo, porque o demônio não possuía qualquer poder contra ela e exortou-a a voltar ao seu trabalho. A senhora ouviu o seu conselho, mas quis levar consigo uma fotografia de Luísa; emoldurou-a e colocou-a na mesa de cabeceira. Certa noite, enquanto recitava o Santo Rosário com os seus filhos, voltou a ver aquele homem que, aproximando-se da cama, tomou a imagem de Luísa, lançou-a no chão e, gritando, fugiu. A partir daquele momento, nada mais lhe aconteceu, e a

paz e a serenidade voltaram a essa casa. A fotografia de Luísa lançada no chão com violência não sofreu danos e o seu vidro não se quebrou. Hoje essa fotografia emoldurada encontra-se na mesa de cabeceira na casa da nora daquela senhora.

Outro episódio muito recente diz respeito ao furto dos móveis. Enquanto estávamos em um encontro internacional em Costa Rica, chegou-nos a notícia de um furto na casa de Luísa. Os ladrões levaram os móveis antigos que pertenciam aos pais da Serva de Deus. Esta notícia perturbou-nos. Quando regressamos, divulgou-se a notícia de que aqueles móveis podiam ser perigosos, porque os demônios dançavam neles quando tinham o poder de tentar Luísa. E só ela os podia derrotar: livres da influência de Luísa a Santa, os demônios podiam desencadear-se. Com efeito, não se sabe como – talvez os demônios se tinham verdadeiramente desencadeado – onde quer que esses móveis entrassem aconteciam coisas incríveis. Certa noite – é um caso único na história – os ladrões devolveram os móveis deixando-os atrás da porta da casa de Luísa. Qualquer comentário é supérfluo.

Outro caso aconteceu comigo mesmo. No ano passado, participei em um exorcismo praticado em uma igreja de São Severo pelo Padre Cipriano, decano dos exorcistas italianos. A igreja estava apinhada de pessoas que se consideravam endemoninhadas. Levei comigo uma imagem de Luísa que mostrei a uma mulher, dizendo-lhe: «Conhece-la?». A mulher olhou-a e disse que não, mas a um dado momento arregalou os olhos e ouviu-se uma voz que lhe vinha do peito e dizia: «Conheço-a... conheço-a... vai embora, vai embora!», e a senhora deu-me um pontapé para me afastar dela, enquanto tentava arrancar-me a estola. Sempre tenho comigo uma imagem ou uma relíquia de Luísa.

#### A santa morte de Luísa Piccarreta

Quando se divulgou a notícia da morte de Luísa, ocorrida em 4 de março de 1947, pareceu que a população de Corato parou para viver um acontecimento único e extraordinário. Faleceu a sua Luísa, a sua Santa. E como um rio cheio, transbordou na sua casa para contemplá-la e exprimir-lhe o seu afeto àquela que muitíssimos anos foi estimada e amada por todos. O dia do seu funeral foi declarado luto na cidade. Luísa permaneceu por quatro dias exposta à veneração do público (com a autorização do médico sanitário), para satisfazer os milhares de pessoas de Corato e das redondezas que, noite e dia, acorriam à sua casa. Foi necessário recorrer à polícia para regular o fluxo de gente. Todos tinham a impressão de que Luísa se tivesse adormecida, e não fosse morta. De fato, o seu corpo colocado na cama não passou pela rigidez cadavérica: podiam-se-lhe erguer as mãos, mover a cabeça em todas as direções, dobrar os dedos sem esforço, elevar os braços e dobrá-los. Podiam-se-lhe levantar as pálpebras e observar os olhos lúcidos sem o véu da morte. Todos – forasteiros, sacerdotes, personalidades eclesiais e civis – queriam ver o caso único e maravilhoso. Muitíssimas pessoas cépticas saíam do câmara mortuária surpresas, chorando e renovadas. Luísa parecia viva como se um sono plácido e sereno a tivesse detido por um instante. Todos estavam convencidos de que não estava morta, e alguns diziam: «Chamai o bispo e vereis que com um sinal da cruz ela se acordará; não é Luísa, filha da obediência?». Esta esperança exprimia o amor que todos nutriam pela Serva de Deus. Mas um encontro de médicos, especialmente convocado pelas autoridades religiosas, civis e médicas, depois de um exame atento, decretou que a querida Luísa estava realmente morta. Enquanto ela ficou exposta à veneração do público, não deu qualquer sinal de corrupção, nem o seu corpo emanava cheiro de putrefação. Permaneceu sentada na sua cama, como uma rainha. Não foi possível estendê-la, motivo pelo qual se tornou necessário construir um ataúde especial em forma de «p», com as partes frontal e laterais em vidro, de maneira que todos a pudessem ver pela última vez. Luísa a

Santa, que por cerca de setenta anos ficou sentada em uma cama sem nunca ser saído do seu pequeno quarto, passou no meio da imensa multidão de pessoas, carregada nos ombros por um numeroso grupo de religiosas de todas as Ordens e circundada por um grande número de sacerdotes e de religiosos. As exéquias foram celebradas na Igreja-Mãe pelo inteiro cabido, com a participação de todas as confraternidades de Corato.

Visitei várias vezes o cadáver de Luísa nos quatro dias durante os quais ela permaneceu exposta, toquei-a muitas vezes e apanhei algumas flores que eram depositadas sem cessar aos seus pés e sobre as suas pernas, flores estas que conservei ciosamente por muitos anos no meio dos meus livros. Muitas foram oferecidas a pessoas doentes que, tocando-as, encontraram a cura e puderam participar no funeral de Luísa. Na passagem do féretro, os enfermos foram colocados às portas das casas e muitos, como se narrava, receberam graças especiais. Luísa foi enterrada na capela gentílica da família Calvi. No dia 3 de julho de 1963, os seus restos mortais regressaram a Corato, para serem sepultados definitivamente na paróquia de Santa Maria Grega.

Luísa na serenidade da irmã morte.

Luísa no leito de morte. Ao seu lado vêem-se a irmã Angelina, a sua fiel Rosária e algumas irmãs do Zelo Divino, em visita.

O ataúde singular, especialmente construído com vidros laterais e frontais.

O féretro carregado nos ombros pelos fiéis da Serva de Deus.

Toda a população de Corato saúda Luísa «a Santa» pela última vez. As irmãs do Zelo Divino formam uma coroa ao féretro.

O jovem morto e ressuscitado

Antes de terminar as minhas memórias, não posso deixar de expor um episódio clamoroso.

Sempre ouvia falar de um jovem morto e ressuscitado por Luísa. Este episódio foi-me narrado pelo velho cantor cego, no cenáculo da rua Panseri.

Certo dia encontrou-se um jovem morto, estendido no chão em uma poça de sangue. Tendo tomado conhecimento da funesta notícia, a mãe não se precipitou para ver o próprio filho, mas gritando com os cabelos soltos correu rumo à casa de Luísa e, ajoelhando-se diante do seu portão, gritava: «Luísa, mataram meu filho!».

A pequena santa – assim o cantor chamava Luísa – comoveu-se e disse: «Vai tomar teu filho, porque o Senhor to restitui».

A mãe foi ajudada a levantar-se e acompanhada por algumas mulheres piedosas até ao lugar onde o filho jazia morto.

Quando viu o filho, sem ter conta dos guardas, a mãe lançou-se sobre o seu corpo, tomou-se nos braços e beijou-o, desesperada como a Senhora das Dores perto da cruz.

Mas de repente, o jovem abriu os olhos e disse: «Mamma, sto ca nan pianger» («Mamãe, estou aqui, não chores»).

Quando ouviu esta narração, toda a assembléia chorou, de maneira especial as mulheres idosas, cujos filhos tinham partido para a guerra.

Algumas vezes – mas de passagem – ouvi narrar este episódio também em casa. Lembro que, certo dia, a tia Rosária pronunciou estas palavras, dirigindo-se a meu pai: «Não comeces a dizer determinadas tolices, mas pensa em comer». Meu pai estava narrando precisamente a história do homem ressuscitado por Luísa a Santa.

Certo dia, na minha paróquia ouvi a senhora Redda, ministra da Ordem Terceira Franciscana, falar deste milagre a um grupo de mulheres. Tendo notado a minha presença, ela pôs imediatamente a mão na boca, repreendendo-se a própria imprudência; de fato, o pároco Pe. Cataldo Tota, que estava ali presente, disse: «Certas coisas não se devem dizer em público, enquanto as pessoas interessadas forem vivas».

Nunca dei importância a este episódio – narrado sempre em voz baixa – porque me parecia incrível. A tia Rosária jamais quis falar deste tema e quando lhe Divina perguntava algo, ela respondia: «Deixa estar estas tolices!».

Compreendi que tanto Luísa como o clero proibia absolutamente que se falasse sobre esse acontecimento.

A narração do velho cego parecia-me demasiado fantasiosa e enquadrada, e mais do que a um fato deveras acontecido assemelhava-se mais com uma tragédia grega. Precedentemente, nunca quis escrever nada a este respeito, para expor a Serva de Deus Luísa Piccarreta ao ridículo (e também porque considerava que esse episódio fosse apenas fruto de fantasias populares).

Depois, quando li uma carta do Beato Aníbal Maria di Francia, em que se confirma o milagre da ressurreição de um jovem morto, julguei oportuno mencionar aqui o fenômeno de que tanto tinha ouvido falar.

Com a sua autoridade de santo, o Beato Aníbal confirma que a ressurreição daquele jovem morto teve lugar através das orações de Luísa Piccarreta.

Essa carta é datada de 5 de maio de 1927. Poucos dias mais tarde, precisamente no mês de junho desse mesmo ano, o Beato Aníbal morreu serenamente na cidade de Messina.

Carta do Beato Aníbal di Francia, enviada a Luísa Piccarreta poucos dias antes da sua piedosa morte, onde confirma o milagre ocorrido.

#### NOTAS BIOGRÁFICAS DO AUTOR

O Padre Bernardino Giuseppe Bucci nasceu em Corato, no dia 15 de junho de 1935, e seus pais chamavam-se Francesco Bucci e Serafina Garofalo. Décimo de doze filhos, em 1940 foi levado pela primeira vez pela tia Rosária Bucci à casa de Luísa Piccarreta que, em 1944, profetizou que ele se tornaria sacerdote.

Em 1947 assistiu ao solene funeral da Serva de Deus Luísa Piccarreta e em 1948 entrou no Seminário Seráfico de Barletta.

Em 1951, durante o curso de estudos no Seminário Seráfico de Francavilla Fontana, faleceu sua mãe, a quem ele estava intimamente ligado.

Em 1955 entrou no Santo Noviciado dos Frades Capuchinhos de Alessano, na província de Lecce, e completou os estudos filosóficos no Estudantado de Scorrano.

Em 1959 faleceu seu pai e, em 1960, foi transferido para o Estudantado Teológico de S. Fara. No dia 14 de março de 1964 recebeu a ordenação sacerdotal das mãos de Sua Ex.cia D. Nicodemos, arcebispo de Bari, na igreja dos Capuchinhos de Triggiano.

Depois de ser transferido para o Colégio Internacional em Roma, para especializar-se em Teologia missionária, regressou à sua Província e foi designado para o Convento de Scorrano como Padre espiritual do Seminário Seráfico.

Em 1968 foi a Portugal para aprender português, em vista da partida para Moçambique como missionário.

Por motivos políticos, foi adiada indeterminadamente a sua partida em missão. Voltou para a sua Província e passou a ocupar o cargo de vice-pároco na paróquia dos Capuchinhos de Barletta e o ofício de Assistente provincial da Juventude Franciscana.

Frequentou o curso de Licenciatura e de Doutorado na Faculdade ecumênica de São Nicolau em Bari e contemporaneamente, em 1972, especializou-se em letras.

Em 1976 foi promovido a superior-pároco no Convento dos Frades Menores Capuchinhos de Trinitápolis, na província de Foggia. Quando vivia ali chegou-lhe a notícia da morte da querida tia Rosária (1978) que, durante quarenta anos, serviu como assistente ao lado de Luísa Piccarreta.

Em 1980 Sua Ex.cia D. Giuseppe Carta, arcebispo de Trani, pediu-lhe que, sem citar o Beato Aníbal Maria di Francia para não servir de obstáculo para a sua causa de beatificação então em curso, reunisse os testemunhos sobre a Serva de Deus Luísa Piccarreta e imprimiu 30 mil exemplares da primeira pequena biografia sobre a Serva de Deus, traduzida em várias línguas, contribuindo assim para o conhecimento da Serva de Deus.

Em 1988 foi transferido como superior e pároco para o Convento de Triggiano, assumindo também o cargo de Secretário provincial das paróquias.

Em 1994, tendo sido eleito Definidor provincial, voltou para Trinitápolis como pároco e ali vive ainda hoje, assumindo os encargos de Definidor provincial, Secretário provincial das paróquias e Conselheiro do Secretariado nacional das paróquias.

Co-fundador da Associação da Vontade Divina juntamente com a Irmã Assunta Marigliano, por muitos anos foi Assistente espiritual da mesma Associação, que foi erigida canonicamente em Corato no dia 4 de março de 1987.

Atualmente é membro do Tribunal da causa de beatificação da Serva de Deus Luísa Piccarreta, aberta na solenidade de Cristo Rei de 1994, na Igreja Matriz de Corato, por Sua Ex.cia D. Carmelo Cassati, hoje emérito, como Promotor da Fé.

#### ORAÇÕES

para implorar a Beatificação da Serva de Deus  
LUÍSA PICCARRETA

I

Ó Sacratíssimo Coração de meu Jesus, que na tua humilde Serva Luísa escolheste o arauto do Reino da tua Vontade Divina e o anjo da reparação das inúmeras culpas que fazem sofrer o teu Coração divino, peço-te humildemente que me conceda a graça, que pela sua intercessão

imploro da tua Misericórdia, a fim de que seja glorificada na terra assim como já a premiaste no Céu. Assim seja.

Pai nosso, Ave Maria, Glória.

II

Ó divino Coração de meu Jesus, que à humilde Serva Luísa, como vítima do teu Amor, deste a força de padecer durante toda a sua vida os sofrimentos da tua dolorosa Paixão, faze com que para a tua maior glória resplandeça imediatamente sobre a sua cabeça a auréola dos Beatos. E pela sua intercessão concede-me a graça que humildemente te peço...

Pai nosso, Ave Maria, Glória.

III

Ó misericordioso Coração de meu Jesus, que pela salvação e santificação de muitas almas ti dignaste conservar por longos anos na terra a tua humilde Serva Luísa, a tua pequena Filha da Vontade Divina, escuta a minha oração: que ela seja imediatamente glorificada pela tua santa Igreja. E pela sua intercessão concede-me a graça que humildemente te peço...

Pai nosso, Ave Maria, Glória.

Nulla osta para a publicação:  
Trani, 27 de novembro de 1948.  
Fr. REGINALDO ADDAZZI, O.P.  
Arcebispo

Oração do santinho (com relíquia), impressa imediatamente depois da morte de Luísa Piccarreta, por autorização do arcebispo Fr. Reginaldo Addazzi, O.P.

Terminado de imprimir no mês de agosto de 2000, pela tipolitografia «Miulli Francesco» – Via Roma, 52 – San Ferdinando di Puglia.

O interesse por Luísa é digno de recomendação, quer pela atenção que hoje se presta ao aprofundamento da mística (e Luísa é assim, porque com a sua contemplação e aceitação dos seus sofrimentos físicos e espirituais alcançou uma notável intimidade com Jesus), quer porque Luísa foi conhecida e frequentada por alguns dos nossos frades (Fedele de Montescaglioso, Guglielmo de Barletta, Salvatore de Corato, Terenzio de Campi Salentini, Daniele de Triggiano, Giuseppe de Francavilla Fontana, para citar apenas alguns) que puderam transmitir-lhe elementos essenciais da espiritualidade franciscana, assimilando dela o amor a Cristo e o compromisso no cumprimento da Vontade Divina (da Apresentação do Pe. Mariano Bubbico).

O Padre Bernardino Giuseppe Bucci nasceu em Corato, no dia 15 de junho de 1935.

Em 1955 entrou no Santo Noviciado dos Frades Capuchinhos de Alessano, na província de Lecce, e completou os estudos filosóficos no Estudantado de Scorrano. No dia 14 de março de 1964 recebeu a ordenação sacerdotal das mãos de Sua Ex.cia D. Nicodemos, arcebispo de Bari, na igreja dos Capuchinhos de Triggiano.

Depois de ser transferido para o Colégio Internacional em Roma, para especializar-se em Teologia missionária, regressou à sua Província e foi designado para o Convento de Scorrano como Padre espiritual do Seminário Seráfico. Frequentou o curso de Licenciatura e de

Doutorado na Faculdade ecumênica de São Nicolau em Bari e contemporaneamente, em 1972, especializou-se em letras.

Co-fundador da Associação da Vontade Divina juntamente com a Irmã Assunta Marigliano, por muitos anos foi Assistente espiritual da mesma Associação, que foi erigida canonicamente em Corato no dia 4 de março de 1987.

Atualmente é membro do Tribunal da causa de beatificação da Serva de Deus Luísa Piccarreta, aberta na solenidade de Cristo Rei de 1994, na Igreja Matriz de Corato, por Sua Ex.cia D. Carmelo Cassati, hoje emérito, como Promotor da Fé.

Na capa, o olhar da Serva de Deus Luísa Piccarreta perscruta a sua cidade e a sua população.